

Fausto Viana | Isabel Italiano | Aglair Nigro Mello

# PARA VESTIR A CENA

# CONTEMPORÂNEA:

TRAJE INTERIOR FEMININO NO BRASIL DO SÉCULO XIX



Fausto Viana | Isabel Italiano | Aglair Nigro Mello

# PARA VESTIR A CENA **CONTEMPORÂNEA:**

TRAJE INTERIOR FEMININO NO BRASIL DO  
SÉCULO XIX

DOI: 10.11606/9788572052443

*Para vestir a cena contemporânea: traje interior feminino no Brasil do século XIX*

ECA-USP© 2019

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

**Textos:** Fausto Viana, Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello

**Desenhos técnicos:** Juliana Matsuda

**Costura dos protótipos:** Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello

**Revisão:** Márcia Moura

Todos os desenhos e fotos pertencem ao acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia da Universidade de São Paulo. Quando não, estarão identificados.

Todos os diagramas de modelagem foram feitos por Isabel C. Italiano, em 2018.

Todos os desenhos de trajes interiores desta edição foram feitos por Juliana Matsuda.

**Imagem da capa:** *O inoportuno* (1898), quadro a óleo de José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899). 145x97cm. Acervo: Pinacoteca do Estado de São Paulo. Número da peça: 1248.

Todos os esforços foram realizados para que nenhum direito autoral fosse violado em *Para vestir a cena contemporânea: traje interior feminino no Brasil do século XIX*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou nas notas de rodapé, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com os autores que teremos prazer em dar o devido crédito.

**Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

V614p

Viana, Fausto

Para vestir a cena contemporânea [recurso eletrônico] : traje interior feminino no Brasil do século XIX / Fausto Viana, Isabel Italiano, Aglair Nigro Mello -- São Paulo: ECA/USP, 2019.  
102 p.

ISBN: 978-85-7205-244-3

DOI: 10.11606/9788572052443

1. Vestuário feminino – Brasil – Século 19
2. Moda feminina – Brasil – Século 19
3. Roupas íntimas I. Italiano, Isabel C. II. Mello, Aglair Nigro III. Título

CDD 21.ed. – 391.2

Fausto Viana | Isabel Italiano | Aglair Nigro Mello

# PARA VESTIR A CENA **CONTEMPORÂNEA:**

TRAJE INTERIOR FEMININO NO BRASIL DO  
SÉCULO XIX

DOI: 10.11606/9788572052443

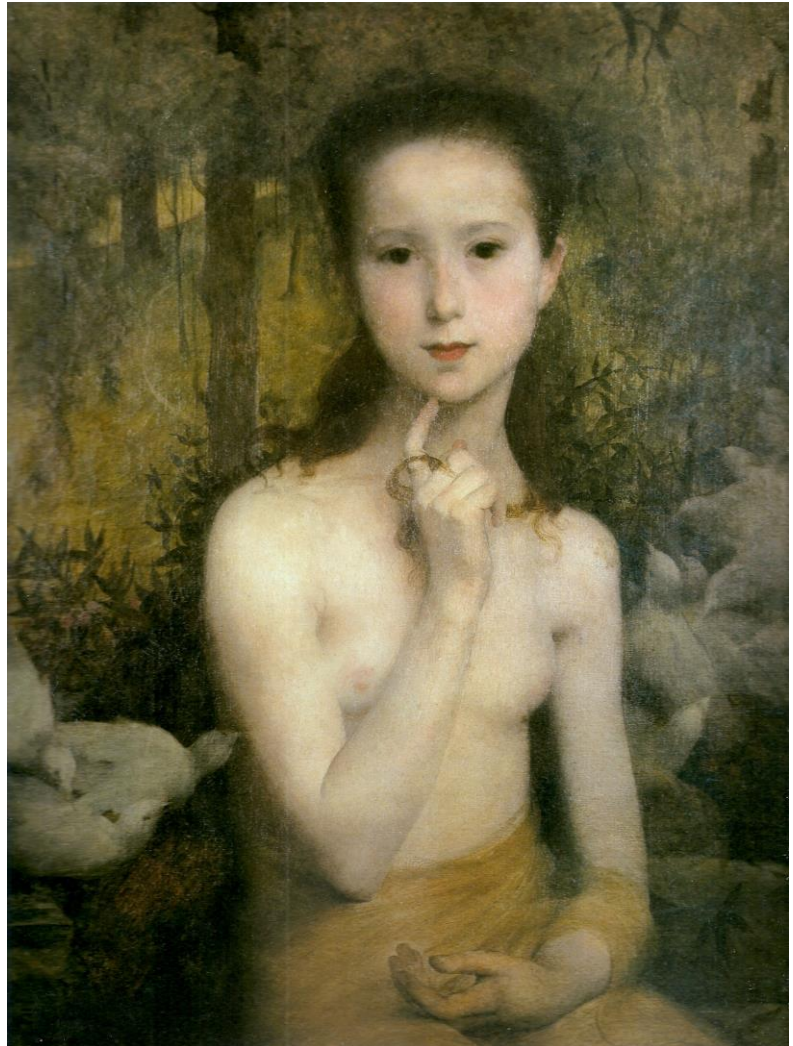
São Paulo

2019





O projeto de pesquisa contou com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Processo 2015/ 23550-1



**Figura 1** - *Gioventú*, tela a óleo de Eliseu Visconti, 1898. 65x49 cm.  
Acervo: Museu Nacional de Belas Artes. Número de registro: 956.

Ele saiu, ela começou a despir-se. Eu lhas vi uma por uma caírem as roupas brilhantes, as flores e as joias, desatarem-se-lhe as tranças luzidas e negras e depois aparecia no véu branco do roupão transparente, como as estátuas de ninfas meio-nuas, com as formas desenhadas pela túnica repassada da água do banho...

*Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo,  
meados do século XIX.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: o que é o projeto para vestir a cena contemporânea</b> .....	8
<b>A importância do traje interior no século XIX,</b> por Fausto Viana .....	10
<b>Os trajes interiores do século XIX: passo a passo da modelagem e costura,</b> por Isabel Italiano e Aglair Nigro Mello .....	23
SOBRE OS MATERIAIS USADOS NOS PROTÓTIPOS DAS ESTRUTURAS CONFECCIONADAS .....	24
COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS .....	27
SOBRE OS ILHOSES .....	32
COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS .....	32
TRAJE 1 – A estrutura de c. 1860 .....	34
TRAJE 2 – A estrutura de c. 1866 .....	46
TRAJE 3 – A estrutura de c. 1870 .....	53
TRAJE 4 – A estrutura de c. 1876 .....	67
TRAJE 5 – A estrutura de c. 1887 .....	76
<b>Desenhos de trajes interiores do século XIX</b> .....	86
<b>Referências</b> .....	101
<b>Índice remissivo</b> .....	102

## APRESENTAÇÃO: o que é o projeto para vestir a cena contemporânea

Fausto Viana

Este livro que chega às suas mãos é resultado de um projeto de pesquisa que contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP.

Iniciado em 2011 na Universidade de São Paulo, o projeto foi chamado de *Passando a história para moldes: trajes históricos e seu uso nas artes e na moda*. O título era bastante revelador do que o projeto ainda mantém como mote principal: **gerar pesquisa no campo fértil da indumentária e da moda, mas com foco nos trajes brasileiros ou que aqui foram usados, para fomentar ações nas artes, fossem elas cênicas, plásticas, performativas, circenses...**

O artista da cena sempre tinha que recorrer a livros e materiais importados para nem sempre encontrar aquilo que necessitava, como referências locais, materiais empregados aqui na construção dos trajes. Foi assim que surgiu, em 2015, já contando com o apoio da FAPESP e também da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, o primeiro livro de uma série: *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil no século XIX*. Muitas questões do interesse dos figurinistas, e não só os teatrais, foram resolvidas com essa publicação: que tecidos estavam disponíveis no Brasil do século XIX? Quem os comercializava? Como eram produzidos aqui no Brasil? Quais as cores dos trajes no século XIX? Quem costurava os trajes? Quais as diferentes categorias de trajes usados no Brasil? O que vestiam os negros? E diversas outras questões.

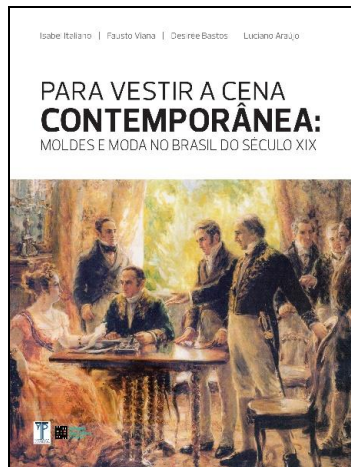
Em 2016, surgiu *Para meninos, meninas e suas bonecas: moldes e moda para crianças no Brasil do século XIX*, que respondia as questões do primeiro livro em escala... infantil! As bonecas foram incluídas pois uma prática constante no século XIX foi justamente ensinar a menina a costurar por meio do trabalho que ela executava para suas bonecas, vistas não como um elemento lúdico, mas sim como um instrumento pedagógico de aprendizagem feminina.

Em 2018 lançamos também outra publicação, *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII*. As mesmas questões impostas à publicação do século XIX foram replicadas, com um aprofundamento histórico ainda mais consistente.

Foi em 2016 que Aglair Nigro Mello ingressou no programa de pós-graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para fazer seu mestrado na linha de pesquisa “Processos e materiais têxteis”, sob a orientação da Profa. Dra. Isabel C. Italiano e apoio intenso do Prof. Dr. Fausto Viana. O trabalho final, defendido em 2018, recebeu o pomposo título de *Traje interior no século XIX: construção passo a passo de cinco estruturas*.



Convidou-se assim a mais nova mestra para integrar conosco esta publicação, programada para acontecer desde 2015. As cinco estruturas apresentadas nesta edição foram produzidas por Aglair Nigro Mello e Isabel C. Italiano, no âmbito do programa de pós-graduação.



**Figura 2** - A capa do livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*.



**Figura 3** - A capa do livro *Para meninos, meninas e suas bonecas: moldes e moda para crianças no Brasil do século XIX*.



**Figura 4** - A capa do livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII*.

Dentro da perspectiva maior do projeto *Para vestir a cena contemporânea*, este livro que sai agora para os palcos da vida, sejam eles à italiana ou *site specific*, vem dividido em três partes: uma abordagem teórica do traje interior em suas diferentes atuações; uma parte prática, de modelagem, costura e construção do traje interior e uma última parte mais lúdica, dedicada a ajudar os figurinistas na criação dos trajes interiores, que, não raro, ficam aparentes em cena, o que permite uma leitura muito específica do traje. Nessa parte, inserimos alguns trajes masculinos.

Como projeto de pesquisa, o livro supre importante lacuna na investigação dos trajes do século XIX e abre caminhos para novas pesquisas, tão necessárias nas artes e na moda.

## A importância do traje interior no século XIX

Fausto Viana



**Figuras 5 e 6** - O figurino original de Scarlett O'Hara no filme *...E o vento levou* e o protótipo de um vestido do mesmo período, mas sem a crinolina que dá volume à saia. Foto original: divulgação do filme. Foto do traje em algodão: Maria Celina Gil, 2018.

*...E o vento levou*, o filme, foi lançado em 1939 nos Estados Unidos e alcançou sucesso inimaginável até então. Narra a trajetória da vida de Scarlett O'Hara e as dificuldades do sul escravocrata dos Estados Unidos destruído pelo norte libertário, na Guerra de Secessão, entre 1861 e 1865 e o período de reconstrução, que chega a 1877.

Boa parte do filme trata da relação entre Scarlett e um senhor de reputação questionável, Rett Butler. Interpretados pelos atores Vivien Leigh e Clark Gable, o casal incentivou – e incentiva! – os sonhos românticos de milhares de casais apaixonados.

Um dos elementos de destaque no filme é o figurino, brilhantemente concebido por Walter Plunkett. Quem viu o filme não esquecerá as primeiras cenas de Scarlett, discutindo com duas personagens a festa na fazenda de Twelve Oaks. Scarlett é retratada como uma menina mimada, rica, filha de um grande fazendeiro e que não faz absolutamente nada. Tem empregados e escravos para tudo – inclusive para vesti-la com o traje da Figura 5, um enorme vestido branco,

com motivos vegetalistas em verde – para marcar que ela é descendente de irlandeses. Apenas como um exercício de imaginação, pense como seria este vestido se tirarmos dele todo o volume da saia do vestido, deixando como o traje da Figura 6. A beleza da atriz Vivien Leigh continuaria igual, mas a saia não revelaria a amplitude que o traje possuía antes – e que era sustentada por uma crinolina que ficava por baixo do traje, compondo assim uma das peças mais icônicas da moda no século XIX. A crinolina marcou o ápice da expansão das saias, lentamente desapareceu e cedeu lugar a novas tendências vestimentares. Deixou, no entanto, uma forte imagem ligada a uma mulher romântica, sonhadora e bela.

A crinolina era um traje interior.

Sem a definição proposta pelo autor deste texto em 2015, seria bastante difícil explicar o que era um traje interior no século XIX e em outros períodos.

**Traje interior:** ou roupa interior, ou íntima. A definição de traje interior passa por tudo aquilo que vai por dentro ou por baixo do traje externo. Apesar de “íntimo” vir do latim *intimus* e significar que “o mais profundo e interior; âmagô”, a nossa classificação cotidiana parece restringir o nome às peças que entram em contato com as partes mais íntimas do corpo. Assim, a classificação poderia sugerir que apenas cuecas, calças, ceroulas e outros fossem roupa interior. Mas na verdade há um segmento de trajes que estão envolvidos nesta categoria: as ancas, anáguas e crinolinas são exemplos. Entre a anca e o corpo ainda se coloca outra roupa: esta vai ser tão traje *interior* como a anca. O Palais Galliera, Museu da Moda da Cidade de Paris, emprega essa terminologia. “O departamento de roupa interior reúne um conjunto de lingerie, peças íntimas e espartilhos, com aproximadamente 2.500 peças.”<sup>1</sup> (ITALIANO, I. et al, 2015, p. 66)

É possível perceber, portanto, que eram muitas as roupas interiores no século XIX. Para as mulheres, calças, corpetes, chemises, anáguas, saiotas, sobressaias, corsets, corselets, enchimentos de mangas, crinolinas e ancas, entre outros. Para os homens, camisas, ceroulas, meias e corsets, entre outros. Todas estas peças estão ilustradas a partir da página 86 desta edição e você poderá modificá-las e usá-las de acordo com o seu projeto artístico.

A moda masculina, muito menos rebuscada no século XIX, não exigia que os trajes interiores projetassem grandes volumes, como as crinolinas e as ancas, que eram fundamentais para determinar a forma externa da vestimenta.

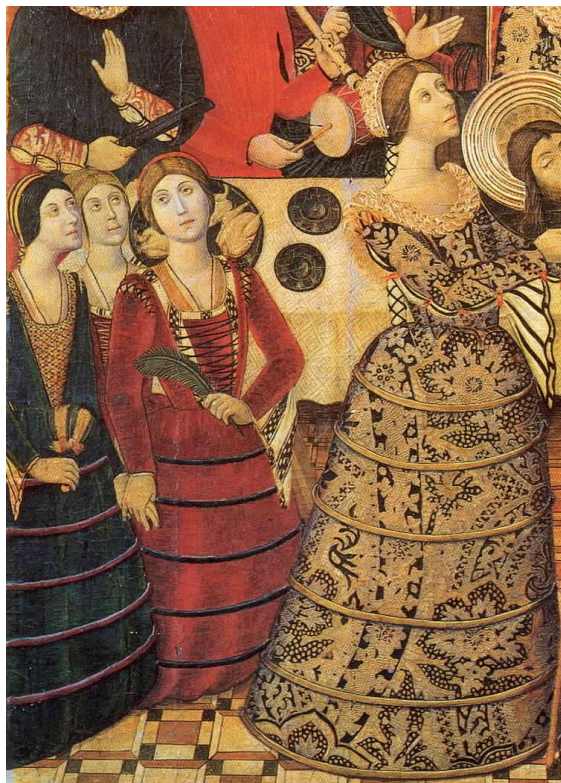
As mudanças no traje feminino do século XIX já haviam começado em finais do século XVIII, e o marco histórico ligado a essas mudanças é bastante conhecido: a Revolução Francesa de 1789 e seus desdobramentos em 1793. Naquele funesto dia 16 de outubro de 1793, na Praça

---

<sup>1</sup> Tradução livre. Veja em: <<http://palaisgalliera.paris.fr/fr/collections/les-collections/sous-vetements>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

da Concórdia, em Paris, a decapitação de Maria Antonieta marcou definitivamente a ruptura com a moda dos excessos, do barroco, do rococó e dos abusos nos trajes (e nos gastos) da monarquia. Ficariam no passado os robes volantes, os robes à la française, à la polonaise, os extravagantes robes de cour (ainda que eles fossem ter um revival, pois trajes de corte são empregados sempre em cortes europeias)... Todo este material, sua modelagem e técnicas de construção podem ser vistos no livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII* (VIANA; ITALIANO, 2018).

Naturalmente, nos ciclos criativos recorrentes da moda, as estruturas internas já haviam aparecido muito antes em outros países, como na Espanha de finais do século XV: era o *vertugado*, ou *vertugadin* na França, ou *farthingale* na Inglaterra, como é possível ver na Figura 7. Mas como chegamos ao volume que uma crinolina ostentava? Como chegamos à mulher burguesa rica que Scarlett O'Hara simboliza?



**Figura 7-** *O banquete de Herodes*, detalhe do retábulo de São João Batista, com senhoras portando os *vertugados*. Têmpera, estuco e folhas de ouro sobre madeira. 197x125cm. c. 1470. Museu Nacional de Arte da Catalunha. Número da peça: 064060-000.

No século XVIII, por exemplo, o tecido de um *robe à la française* era cortado para revelar sua beleza, seus detalhes e seu valor monetário, mostrando o poder aquisitivo da nobre que o portava. E essa era a questão principal: não se tratava apenas de mostrar a beleza da mulher que portava um traje, mas sim sua condição social, a riqueza de sua família e de seu esposo. Isso também não era uma novidade: o traje sempre foi um indicador da fortuna pessoal ou familiar nas mais diversas culturas.

A França já tinha se estabelecido no século XVIII como a grande referência mundial em modas femininas, assim como a Inglaterra também se estabelecera como a grande influenciadora das modas masculinas. Como visto, a Revolução Francesa alterou para sempre a forma do traje na França. Boucher acredita que, mesmo antes da Revolução Francesa, a própria Maria Antonieta havia indicado uma simplificação nas maneiras de vestir, com o vestido *chemise* que ela usava já em 1783. “Na realidade”, afirma Boucher, “a evolução do vestuário na França já começara antes da Revolução e prosseguiu nesse impulso durante todo o período revolucionário: o gosto persistente pelos vestidos brancos atesta isso” (BOUCHER, 2010; p. 311).

Quase simultâneo aos vestidos brancos, surge o vestido redondo (Figura 8), que já tem cintura alta, bem abaixo do busto, mas o corpete estava unido à saia. Na entrada do século XIX, os vestidos de musselina indiana ainda são um sucesso, como o da Figura 9. Claro que o traje era usado com saio e corset ajustado.



**Figura 8** - Vestido redondo de cetim de seda vermelha com motivo floral; na barra, bordado em seda azul e amarela. c.1795. Acervo do Kyoto Costume Institute. Número da peça: AC9125 1994-14-3.



**Figura 9** - Vestido de musselina de algodão bordada, tecido feito na Índia e traje confeccionado na Inglaterra. c. 1800. Acervo: Victoria and Albert Museum.

No breve levantamento panorâmico feito entre as Figuras 10 e 17, em ordem cronológica, pode-se ver a ampla variedade de modelos, cores e formatos de trajes. O traje interior foi determinante para que estas composições fossem atingidas. Interessante perceber que não há variações muito evidentes entre 1800 e 1850 (Figuras 9, 10, 11 e 12), ainda que as mangas do vestido na Figura 11, de 1836, sejam bastante volumosas. O vestido de noiva da Figura 13 tem uma crinolina ampla – ainda que não tão ampla quanto a crinolina de Scarlett O’Hara, que abriu este texto!

Por volta de 1860 – e cabe lembrar que nada na moda é tão definitivo assim –, a estrutura das ancas fica concentrada na parte posterior do corpo, gradativamente diminuindo até o final do século XIX, na mesma medida em que os espartilhos apertavam cada vez mais o corpo feminino.



**Figura 10** - Vestido de cetim de seda, com aplicações de cetim de seda e renda de bilro. Fabricação inglesa ou francesa, 1820-1830. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.156-1962.



**Figura 11** - Vestido de lã estampada, arrematado com lã estampada, forrado com linho e costurado à mão. Fabricação inglesa, 1836-1838. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.11-1935.



**Figura 12** - Vestido. Fabricação inglesa (?), 1840-1850. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.757-1913.



**Figura 13** - Vestido de noiva. Fabricação inglesa, 1857. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.10 aC-1970.



**Figura 14** - Vestido de seda e lã, arrematado com franjas de seda, forrado com algodão polido, reforçado com barbatana de baleia, feito à mão e à máquina. 1868-1869. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.6 a C-1937.



**Figura 15** - Vestido de seda tingida com anilina, forrado com algodão, arrematado com cetim e renda de bilro, reforçado com barbatana de baleia. Fabricação inglesa, 1870-1873. Acervo: Victoria and Albert Museum. Número da peça: T.182&A-1914.



**Figura 16** - Vestido de lã e seda. Fabricação francesa, 1885.  
Acervo: Victoria and Albert Museum.  
Número da peça: T.715:1, 2-1997.



**Figura 17** - Vestido de veludo de seda com vidrilhos e lantejoulas, forrado com seda 1894.  
Acervo: Victoria and Albert Museum.  
Número da peça: T.272&A-1972.

Entre as estruturas que mantinham todas estas “esculturas” no lugar, estão os trajes interiores das Figuras 18 a 24<sup>2</sup>. Apesar de toda a beleza exterior, estas peças são confeccionadas com aço, arame, barbatanas, crinas... Tudo muito ajustado, apertado ao corpo e restritivo ao movimento.

Todas as estruturas a seguir, bem como trajes interiores masculinos do século XIX, estão no fim deste volume em tamanho grande, para serem usados pelo leitor em seus projetos artísticos.

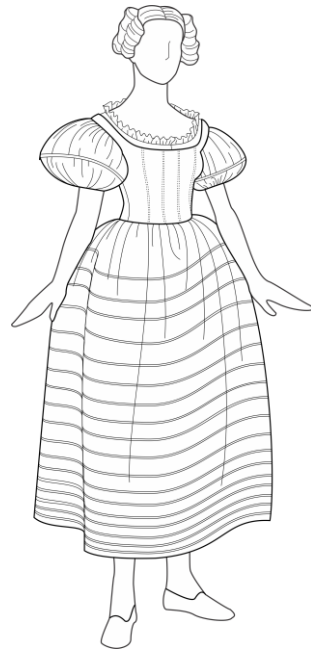
---

<sup>2</sup> Estas figuras são parte do acervo do Núcleo de traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo. Os desenhos foram elaborados por Juliana Matsuda.

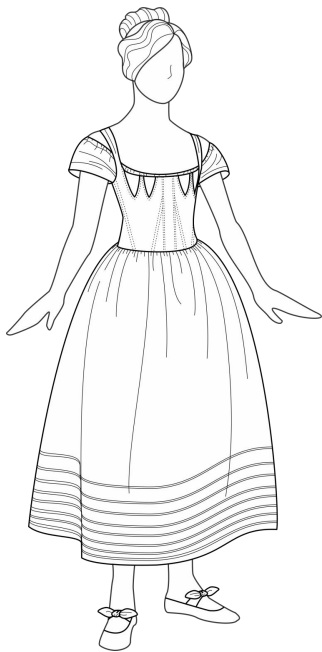




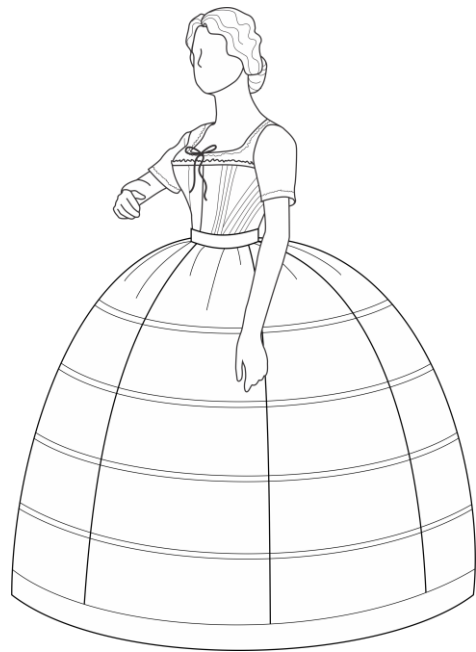
**Figura 18 - 1800-1820.**



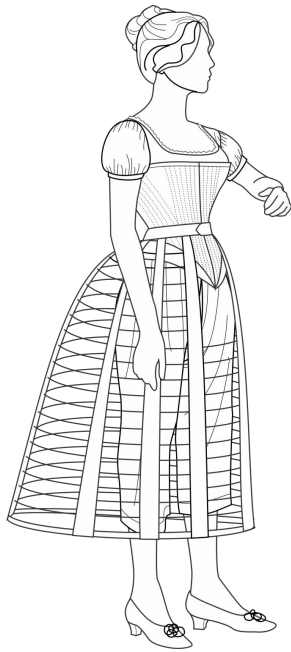
**Figura 19 - 1830**



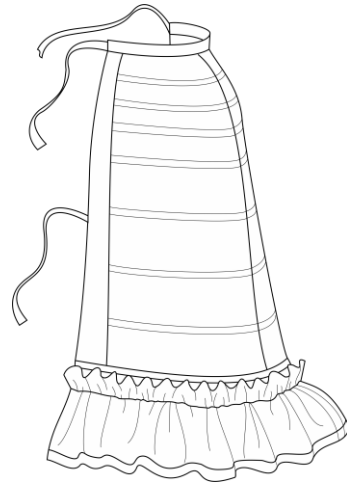
**Figura 20 - 1840**



**Figura 21 - 1860**



**Figura 22 - 1870**



**Figura 23 - 1890**



**Figura 24 - 1900**

O século XIX foi um período muito instável na França<sup>3</sup> e era apenas natural que todas as mudanças econômicas, políticas e sociais tivessem reflexo na maneira de vestir. A Revolução simplificou os trajes, mas Napoleão Bonaparte (1769-1821) e Josefina de Beauharnais (1763-1814) no Primeiro Império trazem de volta a sofisticação e o glamour da França – inclusive porque o comércio de produtos de luxo era muito rentável para o país. Josefina, que era adepta do estilo império, com cinturas altas, bem abaixo da linha dos seios, não foi uma concorrente de estilo comparável ao de Maria Antonieta.

Com a queda da monarquia, os burgueses vão adquirindo um novo status social. Eles dispunham do que os nobres já não tinham ou perderam aos poucos: dinheiro. A mulher voltava a ser um objeto ambulante representativo da fortuna daquele que propiciava a compra de todo aquele luxo: o homem, que, se antes era só um aristocrata, agora tinha ao seu lado os burgueses. O homem burguês, ao longo do século, pôde adquirir títulos de nobreza e conquistar posições sociais cada vez mais altas. Novos eventos e acontecimentos sociais vão unir os burgueses e a classe monárquica, oriunda da aristocracia restaurada na França. A burguesia, ávida por reconhecimento social, consegue seu lugar no mundo da moda, de forma gradativa e constante.

A moda sofreria verdadeira revolução no Segundo Império, entre 1848 e 1870. O imperador Napoleão III (1808-1873) casa-se com a espanhola Eugênia de Montijo (1826-1920), que poderia, esta sim, rivalizar em estilo com Maria Antonieta. Boucher diz que “a imperatriz fazia uma alta ideia do seu papel de soberana, e a toailete era, a seus olhos, um dos elementos mais importantes neste aspecto” (BOUCHER, 2010, p.364). O uso da crinolina, que Boucher declara que são as ancas amplas do robe de cour do século anterior lembradas, mas sem o formato oval, é intenso no reinado de Napoleão III, e a Imperatriz Eugênia uma usuária frequente (ver Figura 25).

---

<sup>3</sup> Apenas como referência, entre 1793 e 1794 aconteceu O Terror, ou Período dos Jacobinos. Entre 1792 e 1804, a Primeira República (com a queda da monarquia dos Bourbon). Entre 1804 e 1814, o Primeiro Império, conduzido por Napoleão I. Crise em 1814, novo reinado dos Bourbon, até 1815. Napoleão retoma o poder em 1815, mas abdica no mesmo ano. Napoleão II assume em 1815 e é deposto no mesmo ano. Luís XVIII volta em 1815 e reina até 1824. Carlos X assume em 1824 e reina até 1830, quando abdicou. Luís Filipe I assume em 1830 até 1848. De 1852 até 1870, assume Napoleão III, que casou com Eugênia de Montijo em 29 de janeiro de 1853.



**Figura 25** - A imperatriz Eugênia rodeada de suas damas de honra, 1855, de Franz Xaver Winterhalter (1805-1873). Óleo sobre tela, 300x420cm. Acervo: Museu do Segundo Império no Palácio de Compiègne.

A Imperatriz Eugênia teve como incentivo as criações feitas por Charles Worth (1825-1895). Em 1845,

esse inglês deixara Londres, aos vinte anos, para ir trabalhar em Paris, primeiro numa loja de novidades, depois na rua de Richelieu na firma de Gagelin, que vendia tecidos, xales e vestidos. Ali se casou com uma vendedora de loja que lhe inspirou modelos bem-sucedidos. Um dia ele teve a ideia, pioneira, de preparar antecipadamente uma coleção e apresentá-la à clientela: novo sucesso. Subverteu o corte e lançou inovações bombásticas que sua mulher exibia nas corridas. Em 1857, em sociedade com um jovem sueco, Boberg, instalava-se finalmente na Rue de la Paix, 7, num bairro reputado impossível para a couture. (BOUCHER, 2010; p. 369)

Elevado ao status de fornecedor da Casa Real, graças à Imperatriz Eugênia, vale lembrar que “Worth não teve participação alguma na voga da crinolina: não apenas não a criou nem lançou, como, ao contrário, fez todos os esforços para suprimi-la, uma vez que ela atrapalhava suas concepções” (idem, p.370). Nascia assim a alta-costura – ou ao menos a metodologia de trabalho de Worth fez com que ele fosse considerado o pai da alta-costura – ou *couture*, ou *haute couture*, ou *couture-création*.

Boucher afirma que no Segundo Império houve uma guinada no consumo de quem adquiria os trajes, a *couture* seria uma consequência dos enriquecimentos proporcionados pelos negócios e pelo poder. “O vestuário deixa de ser privilégio de uma casta e um meio para se abrir aos largos lucros do trabalho, simbolizando a escalada das gerações na hierarquia social”, ele complementa (*idem*).

As mulheres aristocratas ou burguesas passam a vivenciar um período de formalismo: “a vida mundana o exigia, esse suporte artificial e rico da elegante realmente distinta” (*idem*, p. 373). As senhoras ricas – burguesas ou não – exigiam trajes para as mais diversas situações do seu dia a dia repleto de funções sociais. Era necessário trocar de roupa ao menos cinco vezes ao dia: havia trajes para café da manhã, almoço, chá da tarde, havia ainda traje noturno e para ir ao teatro e trajes de dormir.

O traje interior, no entanto, não tinha apenas a função de dar suporte ao traje externo. Edwina Ehrman, no catálogo *Undressed: a brief history of underwear*, do Victoria and Albert Museum<sup>4</sup>, afirma que “a moda e as roupas interiores estão intimamente conectadas. Um dos papéis primários da roupa interior é suavizar, firmar e moldar o corpo de acordo com o ideal fashionista e providenciar uma subestrutura para as modas do dia” (2016, p. 41).

Mas Ehrman ainda destaca que a roupa interior ajudava a manter o corpo limpo, saudável e confortável. “O linho<sup>5</sup> e (do século XIX em diante) o algodão eram usados sobre a pele porque eles podiam ser lavados a altas temperaturas. O linho protegia os trajes caros da transpiração e gordura, e o corpo das tintas de tingimento e sujeiras impregnadas em materiais difíceis de limpar. As fibras naturais também ajudam a regular a temperatura corporal”, ela diz, acrescentando também que a “lã também foi usada por facilitar a transpiração e manter uma temperatura regular” (2016, p. 13).

Ehrman aponta que hoje lingerie “se refere especificamente às roupas interiores femininas e trajes interiores de noite, particularmente aqueles feitos de tecidos sensuais e tradicionalmente luxuosos, como o cetim e a renda” (*idem*, p. 67). Mas a lingerie, naquele sentido literal de roupa de linho do século XIX, acabou ganhando espaço não só como traje interior, mas também como traje externo, social. São reflexos dos tempos: novas ideias, novos mercados, novos consumidores.

---

<sup>4</sup> A exposição ocorreu entre 16 de abril de 2016 e 12 de março de 2017.

<sup>5</sup> Vale lembrar que linho, em francês, é *linge*, que gera a palavra lingerie.

O traje interior, como ela afirma, “é um exemplo da maneira com que os designers de moda do pós-guerra e da moda contemporânea têm experimentado com roupa interior para explorar os aspectos físicos culturais do corpo e ir além dos limites entre o privado e o público” (idem, p.95).

Da mesma maneira que a moda – e muitas vezes inspirados por ela –, os artistas têm feito estes experimentos atingirem níveis altíssimos. Com esta publicação e a modelagem dos trajes interiores da segunda metade do século XIX, é isto que a equipe do livro deseja inspirar em você, leitor: pense, ouse, transforme, adapte.

Dê vida à sua arte e às suas criações.

## Os trajes interiores do século XIX: passo a passo da modelagem e costura

Isabel Italiano e Aglair Nigro Mello

Inúmeras são as formas das crinolinas e anquinhas do século XIX, e seus materiais são também bastante diversificados. Eram feitas de algodão, linho, com entretelas de crina e outros materiais em sua forma natural, enrijecidos ou engomados e barbatanas de baleia, de junco, de metal, além de algumas peças feitas de borracha.

As peças selecionadas para compor este livro são de diferentes décadas do século XIX, para que se possa ter uma ideia da forma e silhueta das estruturas mais características do período e cada uma delas mostra uma alternativa de construção, entre as muitas existentes. Outro aspecto importante, que influenciou a escolha das peças, foi encontrar opções que pudessem ser reproduzidas sem que fossem necessários equipamentos e materiais difíceis de serem encontrados ou manuseados, como, por exemplo, a crinolina *cake*, feita quase que exclusivamente de aros de metal presos uns aos outros. Desta forma, optou-se por peças feitas de tecido e barbatanas, buscando diversidade nas formas e algumas variações na construção.

As modelagens e modos de confecção foram baseados em bibliografia e materiais relacionados ao tema (WAUGH, 1968; WAUGH, 1954; ARNOLD, 1972; BRADFIELD, 2009; LAUGHING MOON, 2013; TRULY VICTORIAN, 2011), além do estudo de peças de museus, por meio de estudo dos originais, das imagens e informações de suas bases de dados virtuais, e diversos sítios na Internet.

A modelagem final das peças foi elaborada pelas coautoras Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, adaptadas a partir do material pesquisado. A confecção das peças (os protótipos feitos de algodão branco) ficou a cargo de Aglair. Outros créditos estão indicados nas figuras.

## SOBRE OS MATERIAIS USADOS NOS PROTÓTIPOS DAS ESTRUTURAS CONFECCIONADAS:

Para validar a modelagem e o passo a passo, foram desenvolvidos protótipos das estruturas. O **material** escolhido para os protótipos foi percal firme de boa qualidade (usado, em alguns casos, em duas camadas), na cor branca. Pode-se usar algodão cru ou outro tipo de tecido que tenha resistência para suportar a tensão das barbatanas.

As **barbatanas** disponíveis no mercado brasileiro são, em geral, de plástico (inapropriadas para este tipo de trabalho) e de metal. As barbatanas metálicas disponíveis são, basicamente, de dois tipos: as fitas metálicas ou as espirais e apresentam resistências distintas. Existem materiais especiais para junção (ou emenda) de barbatanas e também ponteiras para acabamento, porém, uma solução barata e resistente é usar esparadrapo (do tipo grosso, não pode ser micropore). O esparadrapo pode ser usado para emendar barbatanas e também para dar acabamento nas pontas, para que a ponta da barbatana sem acabamento não rasgue o tecido.

Para o desenvolvimento dos protótipos deste livro foram usadas:

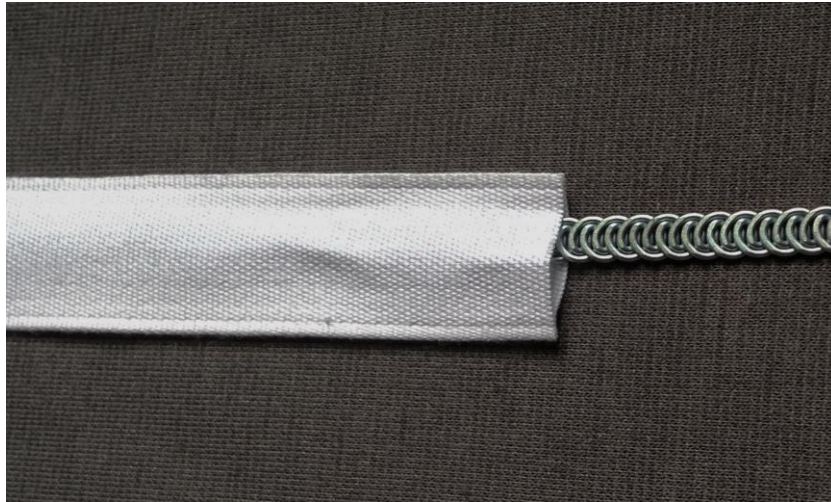
1. **as barbatanas de fitas metálicas**, de aço, que são vendidas por metro, com largura de 0,5 cm. Na figura 26, as barbatanas 1, 2 e 3 são de fita metálica. A barbatana 1 está sem acabamento na ponta, a barbatana 2 tem acabamento feito com esparadrapo e a 3 tem acabamento com a ponteira metálica;
2. **as barbatanas metálicas em espiral** de diversos comprimento. Nos protótipos, estas usadas apenas em alguns elementos, como, por exemplo, nos painéis de ajuste da estrutura de 1870. Na Figura 26, a barbatana 4 é em espiral e já vem com a ponteira metálica;
3. **as barbatanas importadas**, bastante resistentes, fabricadas com dois arames flexíveis (parecem com cabos de aço resistentes) e recobertas por uma camada de plástico, com largura de aproximadamente 1 cm. Na Figura 26, a barbatana 5 e 6 são deste tipo. A barbatana 5 está sem acabamento na ponta e a 6 tem acabamento feito com esparadrapo. Estas foram usadas na maioria dos protótipos desenvolvidos.





**Figura 26** - Tipos de barbatanas usadas para a construção dos protótipos apresentados neste livro. Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

Para as **canaletas** ou **cases**, podem ser usadas tiras de viés (canaletas de viés simples ou duplo). A largura do viés depende da largura da barbatana. Na construção dos protótipos apresentados aqui, optou-se pelo viés de 2,5 cm de largura. Sua utilização é explicada mais adiante no texto. Para os protótipos, também foi usado um case específico para barbatanas, com 2 cm de largura, porém, também importado. Estes cases já prontos são mais resistentes que aqueles feitos com viés. A Figura 27 mostra este tipo de case. O case feito com viés é, também, explicado mais adiante no texto.



**Figura 27** - Case importado, utilizado em alguns dos protótipos deste livro.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

Para o **cós** e para as **tiras verticais**, utilizou-se fita de gorgorão, disponível nas lojas de armarinhos. Pode ser de 2,5 ou 3 cm de largura (Figura 28).



**Figura 28** - Fita de gorgorão utilizada para cós e tiras verticais.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

Os moldes foram elaborados para um manequim tamanho 40. Para aumentar ou diminuir os moldes, deve-se seguir as instruções das técnicas de gradação de peças comuns do vestuário, dividindo o aumento nas diversas partes do molde, tanto na horizontal quanto na vertical, para ajustar as medidas de largura e de comprimento.

Para facilitar a cópia do molde em tamanho 40, os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, em que cada quadrado tem 5 cm de lado.

#### COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS:

A colocação das barbatanas pode ser feita de três maneiras:

1. **Por meio de uma canaleta costurada ao tecido** da crinolina ou estrutura, que pode ser feita com viés<sup>6</sup> largo (ou na largura adequada para a barbatana escolhida – deve ter uma pequena folga, para que as barbatanas possam passar sem dificuldade, ainda que estejam unidas por esparadrapo). O viés deve ser costurado ao tecido da peça, seguindo as marcações indicadas nos moldes. Neste caso, no presente trabalho, chamamos de **canaleta com viés simples** (Figura 29).



**Figura 29** - Canaletas com viés simples, usa viés costurado diretamente sobre a peça. Foto: Maria Celina Gil, 2018.

---

<sup>6</sup> O viés pode ser comprado pronto ou cortado no próprio tecido.

2. **Usando o próprio tecido da estrutura (tecido duplo)**, neste caso, cada parte da peça é cortada duas vezes, formando um tecido duplo, onde as canaletas se formam por meio de costuras, feitas nas marcações indicadas pelos moldes (Figura 30). Lembrar sempre de deixar uma abertura para inserir as barbatanas. Depois de colocadas as barbatanas, as aberturas são fechadas com costura à mão.



**Figura 30** - Canaletas (horizontais) feitas por meio de costura sobre tecido duplo. Foto: Maria Celina Gil, 2018.

3. **Por meio de cases não sobrepostos ao tecido** das estruturas, isto é, são as próprias barbatanas que formam a estrutura da crinolina/anquinha, sem o apoio de uma base em tecido. Nestes casos, a barbatana fica dentro de um case (que funciona como canaleta). Pode-se usar o case importado, próprio para este tipo de trabalho (Figura 31), ou costurar duas partes de viés largo (Figura 32). A largura do viés depende da largura da barbatana. Este é o case ou **canaleta com viés duplo**.



**Figura 31** – Canaletas (horizontais) feitas com cases importados.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 32** - Case para barbatana, feito com dois vieses costurados.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

Algumas das estruturas têm a barbatana mais baixa colocada bem rente à linha da barra. A costura desta barbatana pode ser feita juntamente com o acabamento da barra, escolhendo uma das seguintes opções:

1. **Costurar um viés na marcação mais baixa da canaleta** (direito com direito) em toda a volta (Figura 33). Virar todo o viés para o avesso (o viés não ficará visível do lado direito da crinolina), costurando o viés e finalizando o acabamento (Figura 34). Deixar, também, uma abertura para a colocação da barbatana.



**Figuras 33 e 34** - Colocação de canaleta de viés na barra da peça – primeira e segunda costuras. Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

2. **Fazer uma bainha e costurar o viés por cima**, pelo avesso da crinolina/anquinha (Figura 35). Deixar, também, uma abertura para a colocação da barbatana.



**Figura 35** - Alternativa para colocação de canaleta na barra.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

No caso de se usar um *case* específico para servir de canaleta, basta dobrar a barra e costurar o *case* sobre a barra (Figura 36).



**Figura 36** - Colocação do *case* específico para barbatanas na barra da peça.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2018.

## SOBRE OS ILHOSES:

O ideal é que os **ilhoses** sejam feitos à mão, em ponto simples. Para isso, basta fazer um pequeno furo no tecido e costurar em volta. Pode-se usar uma linha mais grossa ou usar linha dupla (Figura 37).



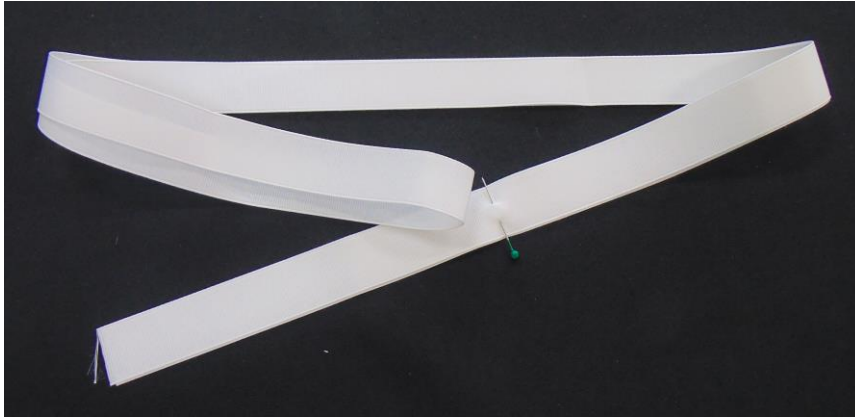
**Figura 37** - Exemplo de ilhós feito à mão.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

## COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS:

O cós das crinolinas e anquinhas apresentadas aqui são preparados como um cinto. Pode-se usar uma fita de gorgorão (2,5 cm ou 3 cm de largura). O cós é feito com uma fita dupla, dobrada em uma das extremidades.

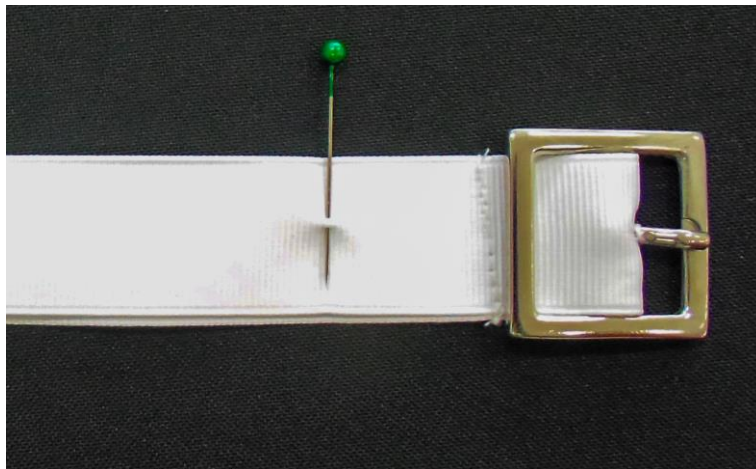
Medir a cintura, multiplicar por 2 e acrescentar uma folga de 20 a 30 cm no comprimento. Dobrar em dois para formar o cós, marcando com alfinete a medida da cintura ajustada (Figura 38).





**Figura 38** - Preparação da fita para o cós.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

Prender a fivela na borda dobrada com uma costura, fazendo uma pequena abertura para passar o pino (Figura 39).



**Figura 39** - Colocação da fivela no cós.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

Unir as tiras do cós passando uma costura nas beiradas, em todo o seu comprimento.

## TRAJE 1. A estrutura de c.1860



**Figura 40** - Protótipo da estrutura de c.1860 – frente.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

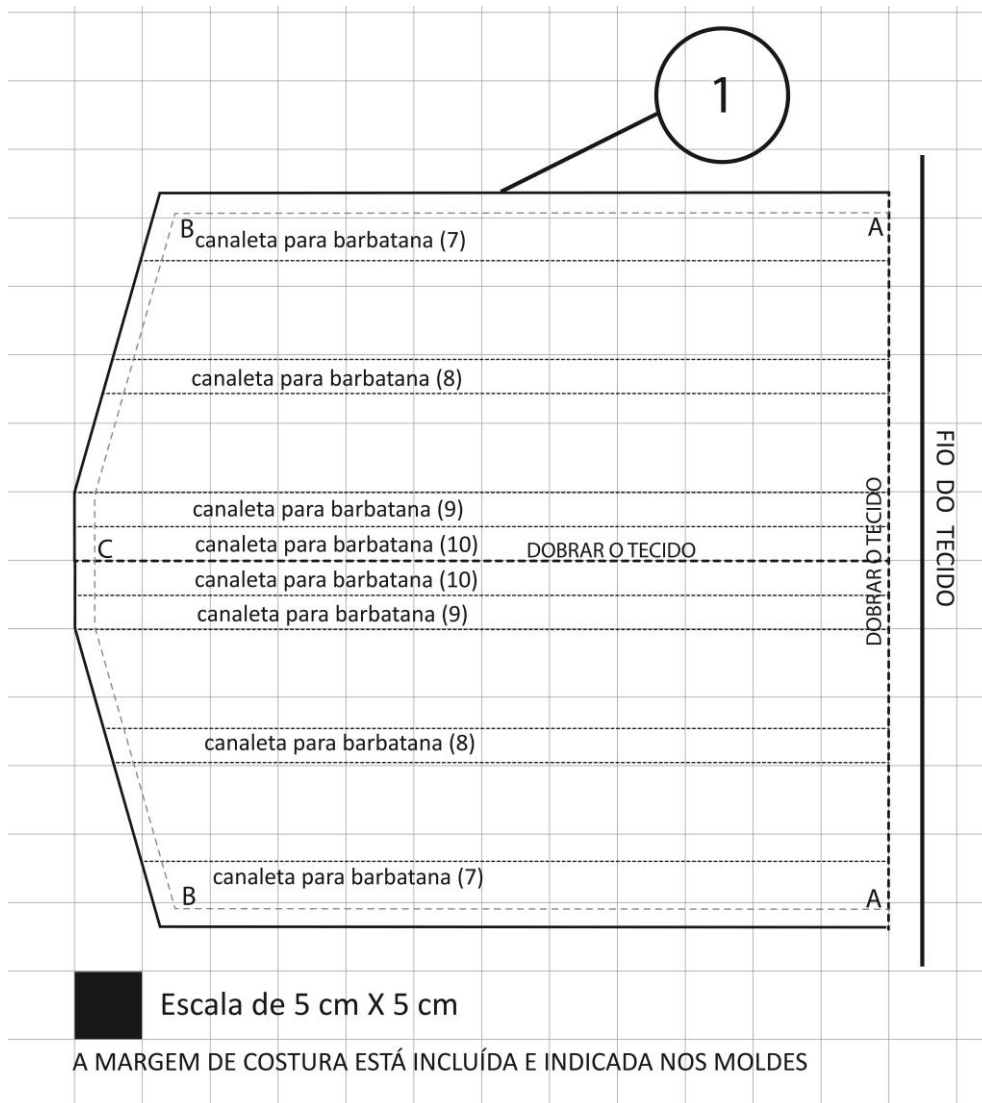


**Figura 41** - Protótipo da estrutura de c.1860 – lateral.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 42** - Protótipo da estrutura de c.1860 – costas.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Observação: os moldes estão no tamanho 40 e já contêm margem de costura de 1,5 cm, conforme representado. Os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, com quadros de 5 cm X 5 cm.



**Figura 43** - Molde da base da crinolina c.1860. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

MODELAGEM - PARTES:  
Tamanho 40

1 – Base da crinolina – cortar 3 vezes no tecido dobrado em A-A

Esta estrutura possui apenas a base feita de tecido (parte de baixo da peça), portanto, este é o único molde desta peça. O restante da estrutura é formado pelas próprias barbatanas, que ficam nos *cases*, e por tiras verticais, que são fitas de gorgorão. Para o protótipo apresentado aqui, foi usado o *case* importado, próprio para barbatanas, porém, como já explicado anteriormente, este *case* pode ser feito com viés. Neste caso, proceder com a confecção do *case* de viés duplo. Os principais elementos da estrutura podem ser vistos na Figura 44.

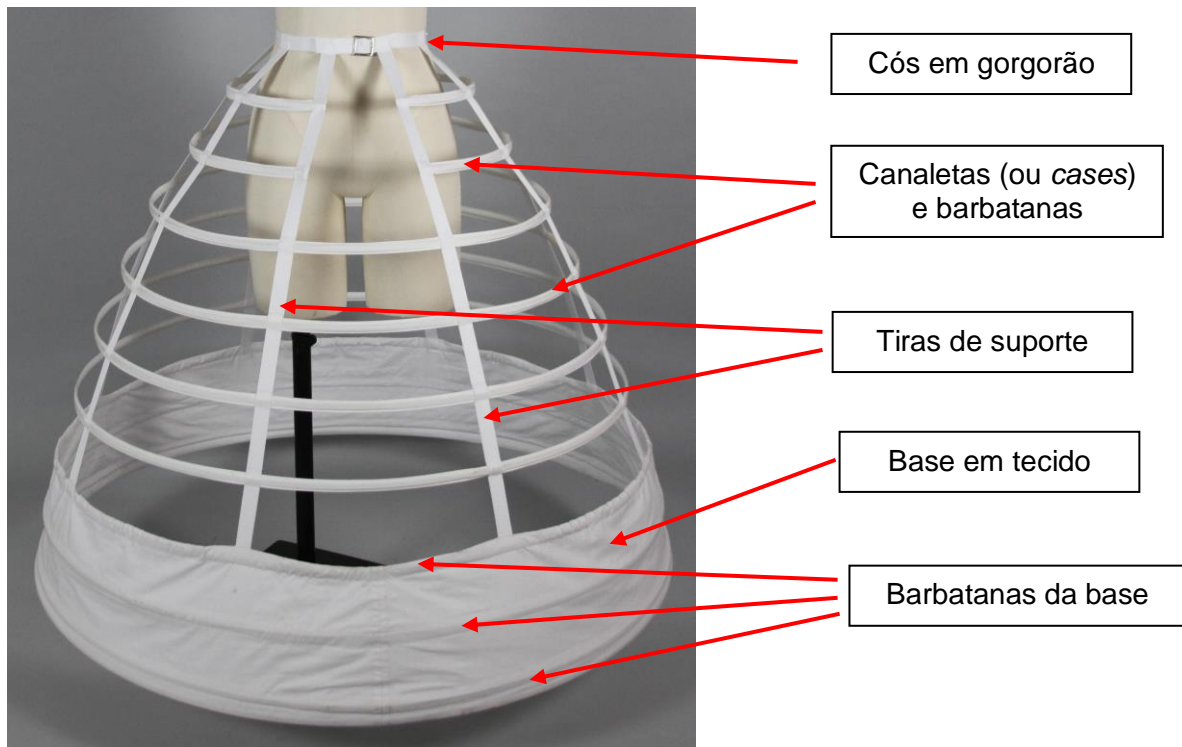


Figura 44 - Partes da estrutura de c.1860.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

## INSTRUÇÕES DE CONFECÇÃO:

Unir as três partes da base da estrutura com costuras laterais das partes (uma costura passando por B-C-B), sem fechar o círculo completo, deixando a última costura sem fazer. Lembrar que a margem de costura é 1,5 cm.

Abrir as costuras com o ferro de passar, fazer um acabamento interno para facilitar a passagem das barbatanas. Este acabamento deve ser feito com uma pequena bainha nas margens de costura (0,5 cm) dos dois lados (Figura 45).

Juntar as bordas que ainda estão abertas (direito com direito) e fechar com uma costura (esta costura ficará posicionada no centro dianteiro). Abrir a costura com o ferro de passar, procedendo como mostrado na Figura 45, da mesma forma que as anteriores. Neste ponto, portanto, a base já estará completa, formando um círculo.

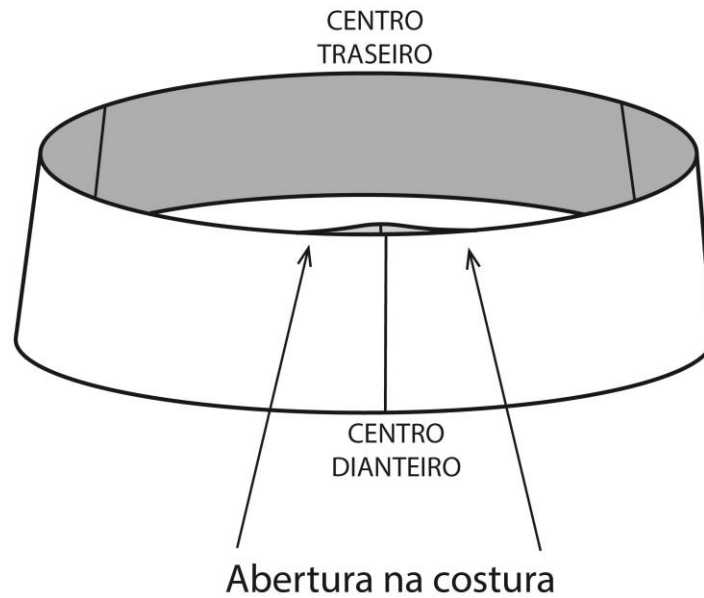


**Figura 45** - Acabamento das costuras de união. Fonte: Acervo de Aglair Nigro Mello.  
Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.

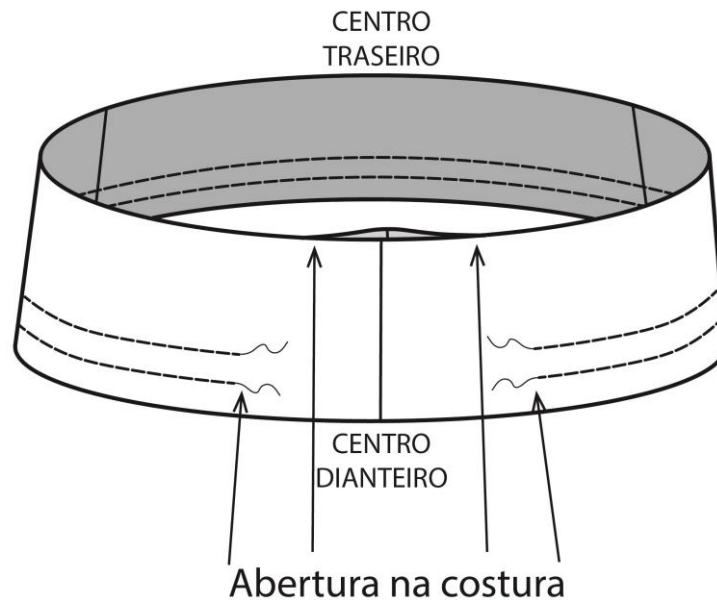
Unir direito com direito, dobrando no sentido longitudinal, na marca indicada nos moldes (linha tracejada que passa por C), e fazer uma costura fechando a base, no sentido do comprimento. Esta costura ficará oposta à barra da estrutura. No centro da frente, deixar 20 cm sem costurar. Esta abertura servirá para inserir as barbatanas e será fechada posteriormente. Virar para o direito e passar a ferro. Após esta etapa, a base da estrutura ficará como mostrado na Figura 46.

Costurar as canaletas conforme as marcações no molde. Em cada canaleta, deixar 20 cm sem costurar (no centro da frente), para permitir a inserção da barbatana (ver Figura 47, que já

mostra duas canaletas prontas). Na base da estrutura, serão quatro canaletas no total. Este é um exemplo de canaleta feita a partir do próprio tecido (por ser tecido duplo, apenas a costura forma a canaleta). Posteriormente, todas estas costuras serão fechadas.

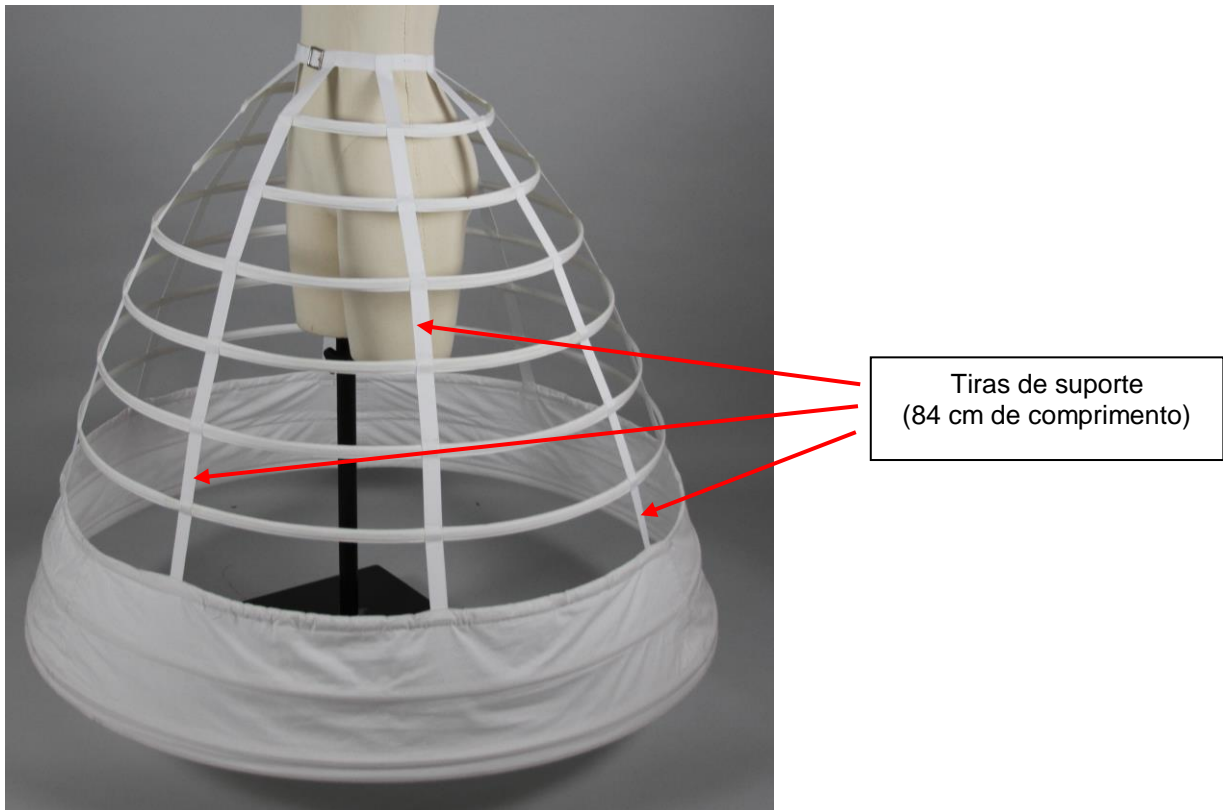


**Figura 46** – Detalhe da confecção da base da estrutura, com abertura no centro da frente.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.



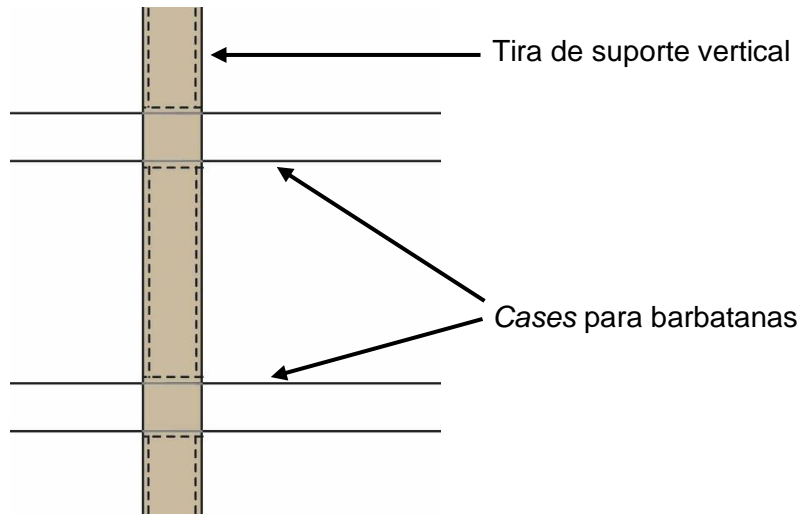
**Figura 47**- Detalhe da confecção da base da estrutura – a costura das canaletas fica aberta no centro da frente.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

Preparar as oito tiras de suporte verticais. Para o protótipo, usamos fitas de gorgorão, com largura aproximada de 2,5 cm, com 168 cm de comprimento. Cada tira é dobrada ao meio e fica com 84 cm de altura (Figura 48).



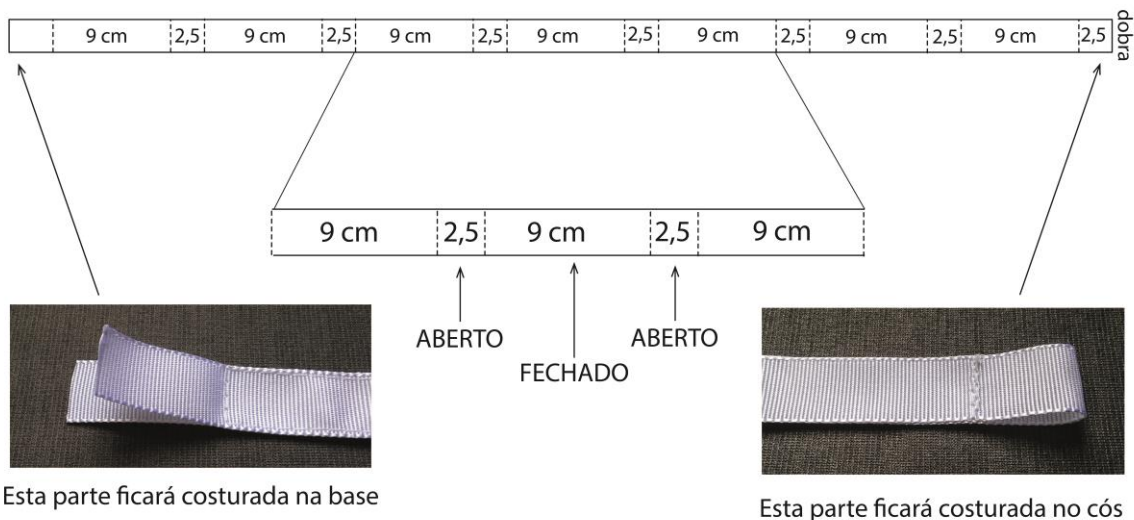
**Figura 48** - Tiras de suporte na estrutura de c.1860.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

A parte dobrada da tira será presa ao cós e as pontas opostas serão costuradas à base da estrutura. Para que as tiras fiquem firmes, deve-se costurar nas laterais, unindo as duas partes da tira, mas é necessário deixar as aberturas para as canaletas, em locais específicos. A Figura 49 mostra um diagrama das tiras de suporte já finalizadas com costura e com as canaletas das barbatanas.



**Figura 49** - Tiras verticais já finalizadas.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

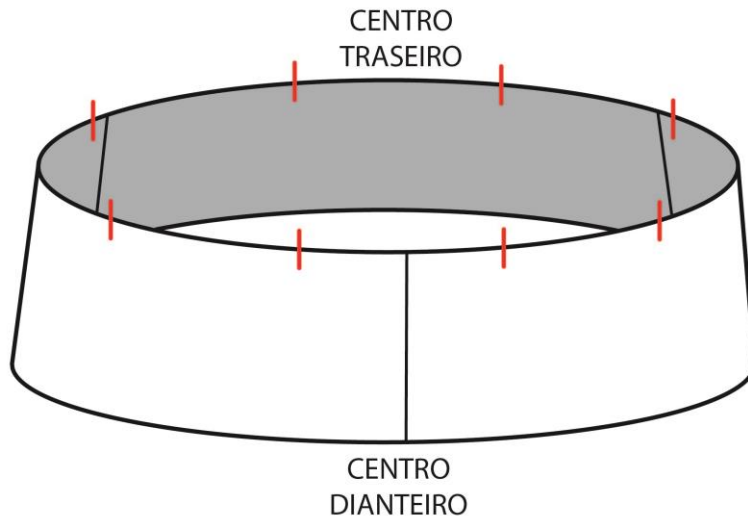
As aberturas em cada tira devem estar nos locais marcados, para passar as 6 canaletas para barbatanas, conforme mostra a Figura 50. Foi escolhida a medida de 2,5 cm para as aberturas, já que o case tem 2,5 cm de largura.



**Figura 50** - Detalhes da confecção das tiras de suporte.  
Diagrama e fotos: Isabel C. Italiano, 2018.



Como serão oito tiras de suporte verticais, dividir o contorno da base em oito partes iguais e marcar (Figura 51, marcas em vermelho). Nessas posições, costurar as tiras de suporte (Figura 52).



**Figura 51** - Divisão da base para colocação das tiras de suporte.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.



**Figura 52** - Detalhe da costura da tira de suporte na base. Fonte: Acervo de Aglair Nigro Mello. Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.

Para um acabamento melhor, pode-se abrir a costura da base, na posição em que será presa a tira de suporte. Inserir a tira entre os tecidos da base e fechar novamente com costura.

Preparar o cós seguindo as instruções gerais, apresentadas no texto COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS, na página 32.

Dividir o cós em 8 partes iguais a partir da dobra com a fivela (considerar apenas a medida da cintura justa), deixando sobrar de 10 a 15 cm no final que está aberto.

Passar o cinto por dentro de cada tira de suporte vertical, posicionar as tiras de suporte no cós exatamente nas marcas de divisão (Figura 53) e fixar com costura para não se moverem.



**Figura 53** - Colocação das tiras de suporte no cós da crinolina de c.1860.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

Uma vez que a estrutura em tecido já esteja toda preparada, é o momento de se posicionar as barbatanas. Conforme indicado no molde da base da estrutura (Figura 43), as barbatanas são numeradas, a de número 10 é a mais baixa, posicionada na base, rente ao chão. Ainda na base estão as barbatanas 9, 8 e 7 (subindo). As barbatanas de 1 a 6 ficam nos cases, a barbatana de número 1 fica mais próxima da cintura (Figura 54).

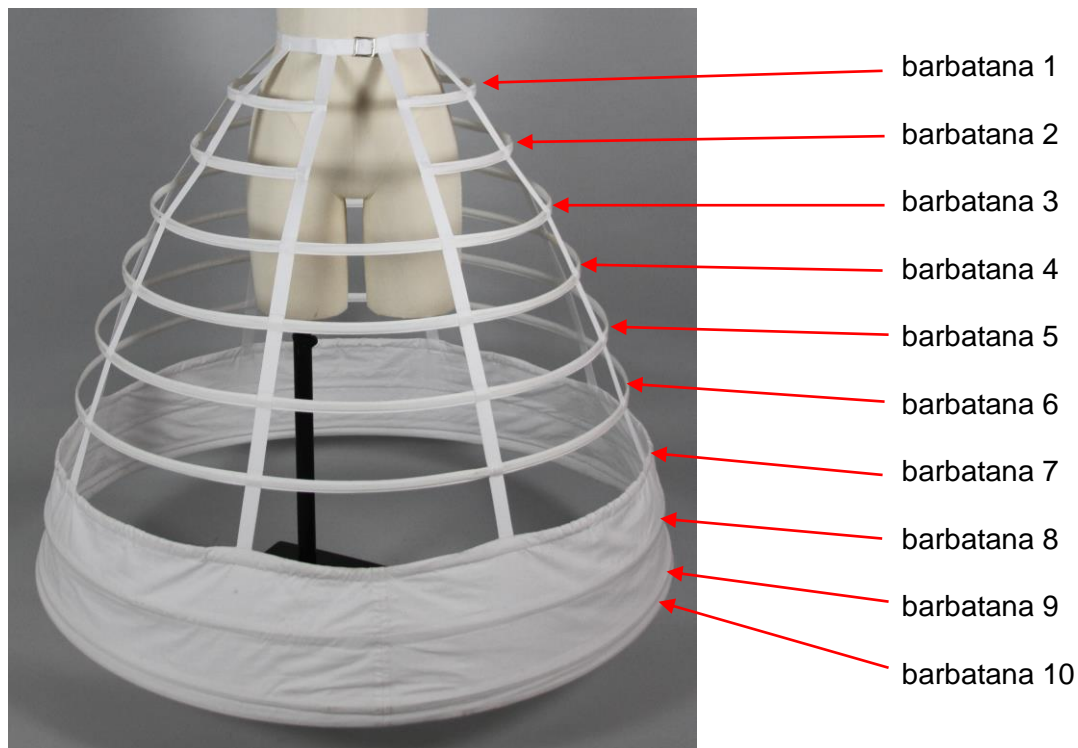


Figura 54 – Numeração das canaletas na estrutura de c.1860.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

As barbatanas número 7 a 10 devem ser inseridas na base pelas aberturas das canaletas que ainda não foram costuradas na frente da estrutura (ver detalhe na Figura 47). Após serem inseridas nas canaletas da base, deverão ser fechadas com esparadrapo ou com algum fechamento específico para isso (existem algumas opções para fechamento com fechos metálicos). No protótipo elaborado aqui, foi usado esparadrapo grosso. Neste caso, deve-se deixar 4 cm para transpasse (em cada ponta) e, sobre esse transpasse, colocar esparadrapo, prendendo as pontas da barbatana com firmeza para que não se soltem posteriormente.

Não forçar com barbatanas mais longas que o necessário. Elas devem preencher toda a extensão da canaleta e ter um acréscimo para transpasse, se forem unidas com esparadrapo. Lembrar que a necessidade do transpasse depende do tipo de junção e do material que será usado para unir as barbatanas. Algumas junções metálicas não requerem transpasse.

As medidas das barbatanas usadas para a confecção do protótipo apresentado aqui são mostradas na **tabela de tamanhos das barbatanas**.

**Tabela de tamanhos das barbatanas da estrutura de c.1860**

Barbatana	Medida
1 (*)	1,12 m
2 (*)	1,48 m
3	2,07 m
4	2,38 m
5	2,68 m
6	2,92 m
7	3,19 m
8	3,34 m
9	3,55 m
10	3,55 m

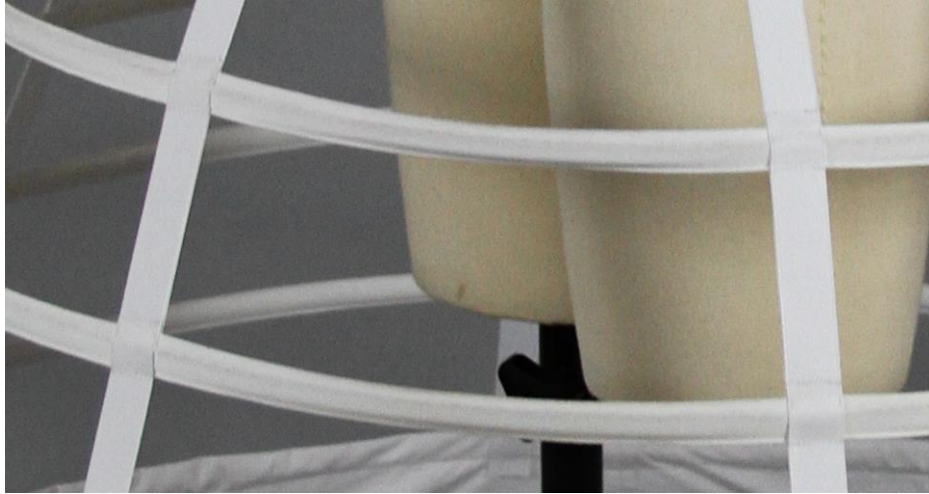
**Observações:** acrescentar 4 cm para transpasse em cada ponta, se utilizar esparadrapo para a junção das barbatanas. As medidas da tabela são apenas para referência, pois podem variar. Caso a estrutura seja confeccionada em outros tamanhos, adaptar estas medidas. As barbatanas marcadas com (\*) não requerem transpasse.

Para a **barbatanas número 7 a 10**, cortar a barbatana na medida indicada na tabela, inserir na canaleta correspondente e fechar as pontas, formando a estrutura metálica circular.

Fechar as partes que ficaram abertas no tecido da base da estrutura, com pontos de costura à mão.

Para as **barbatanas número 1 a 6**, cortar a barbatana conforme indicado na tabela, cortar ou montar os *cases*, com um acréscimo 6 a 8 cm em relação ao tamanho da barbatana. Tendo como base a medida real da barbatana (sem o transpasse), marcar cada *case* dividindo-o em 8 partes iguais. Estas marcas serão usadas para posicionar os *cases* nas 8 tiras de suporte, fazendo uma distribuição equivalente para a dar a forma da estrutura. Inserir as barbatanas dentro dos *cases*.

Cada *case* deve ser passado pelas aberturas das tiras de suporte correspondente, fazendo coincidir as marcas de posicionamento. Fixar com pontos de costura para que o *case* não se movimente. Fazer a junção de todas as barbatanas, fechando também todos os *cases* com pontos de costura. Um detalhe de *cases* já finalizados, com suas barbatanas, pode ser visto na Figura 55.



**Figura 55** - Cases com barbatanas já finalizados e posicionados nas tiras de suporte verticais.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Observar que as barbatanas 1 e 2 (as superiores) não dão a volta completa em torno do corpo, mas deixam uma abertura na frente da estrutura (Figura 56). Esta abertura permite melhor ajuste da estrutura ao corpo.



**Figura 56** - Detalhe da abertura das barbatanas números 1 e 2 no centro dianteiro.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

## TRAJE 2. A estrutura de c.1866



**Figura 57** - Protótipo da estrutura de c.1866 - frente.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

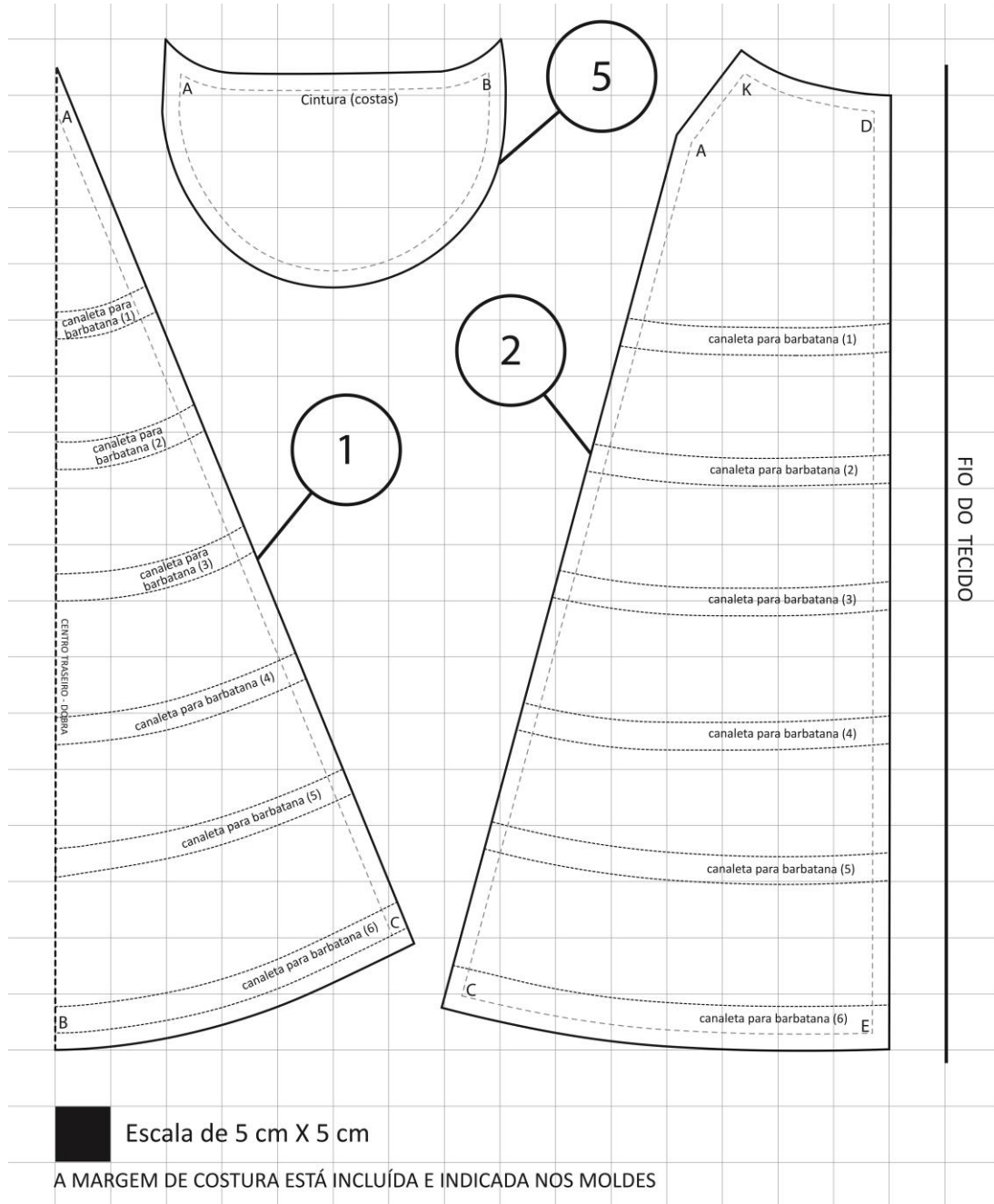


**Figura 58** - Protótipo da estrutura de c.1866 - lateral.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

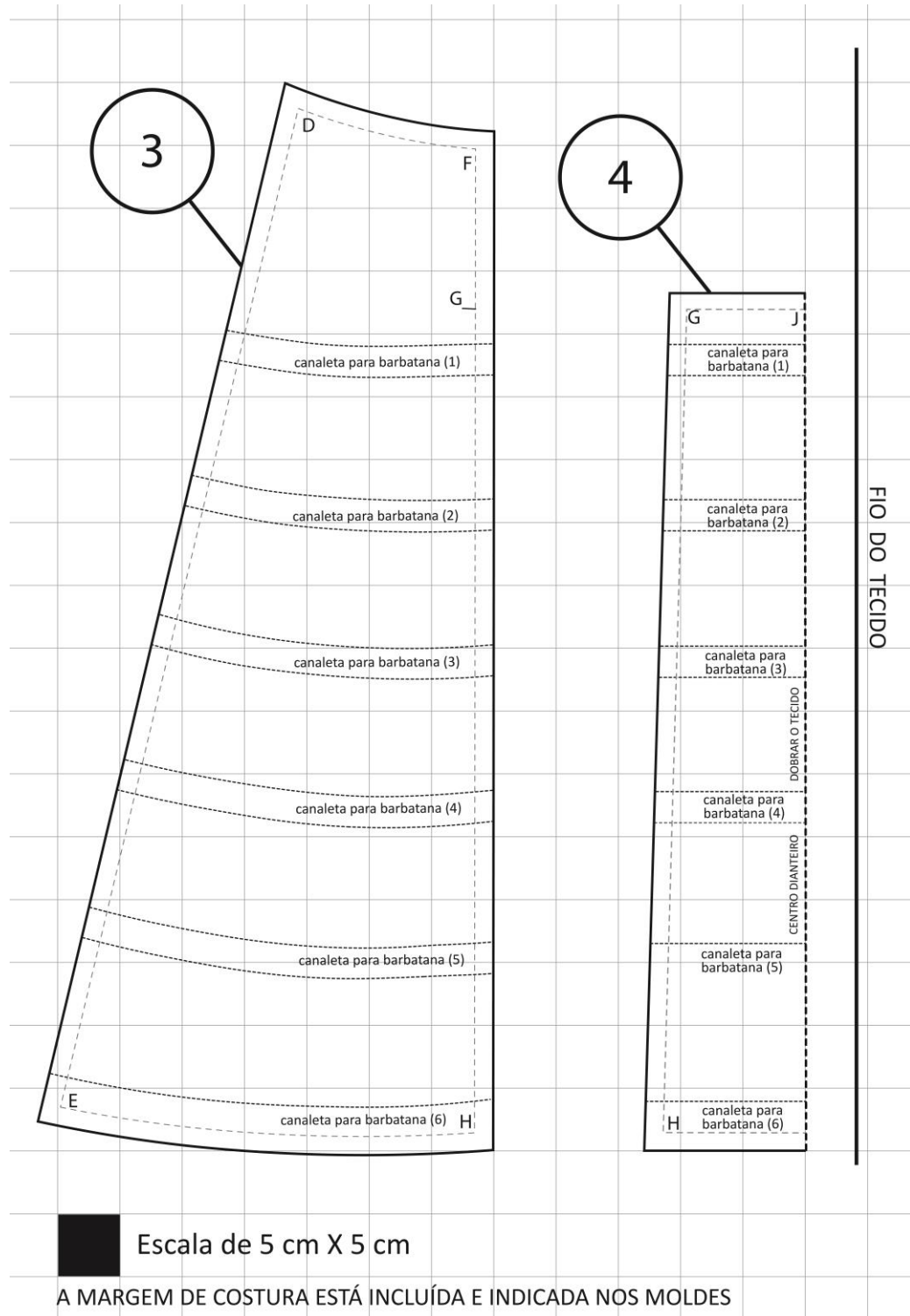


**Figura 59** - Protótipo da estrutura de c.1866 - costas.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

**Observação:** os moldes estão no tamanho 40 e já contêm margem de costura de 1,5 cm, conforme representado. Os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, com quadros de 5 cm X 5 cm.



**Figura 60** - Moldes da estrutura de c.1866. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.



**Figura 61** - Moldes da estrutura de c.1866. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.



## MODELAGEM - PARTES:

Tamanho 40

- 1 – Centro traseiro – cortar 1 vez no tecido dobrado
- 2 – Lateral traseira – cortar 2 vezes no tecido
- 3 – Lateral dianteira – cortar 2 vezes no tecido
- 4 – Centro dianteiro – cortar 1 vez no tecido dobrado
- 5 – Suporte traseiro – cortar 2 vezes no tecido

## INSTRUÇÕES DE CONFECÇÃO:

Iniciar pela costura das duas **laterais traseiras**. Unir na linha indicada por K-A. Abrir as costuras. Lembrar que a margem de costura é 1,5 cm, conforme indicado nos moldes.

Inserir entre estas duas partes o **centro traseiro**, posicionando os pontos A e C, indicados nos moldes do centro traseiro e laterais traseiras. Costurar ao longo das linhas A-C, dos dois lados do centro traseiro.

Abrir as costuras, fazer um acabamento interno para facilitar a passagem das barbatanas. Este acabamento deve ser feito com uma pequena bainha nas margens de costura (0,5 cm), costurada dos dois lados, como já mostrado na Figura 45. Deve ser feito, da mesma forma, em todas as costuras de união das peças (costuras verticais).

Continuar com a montagem das outras partes (**laterais dianteiras e centro dianteiro**), unindo de acordo com a indicação dos moldes, formando uma “saia”, que será o suporte para a colocação das barbatanas. A parte frontal da estrutura, na cintura, tem uma parte vazia, para facilitar o ajuste do vestir.

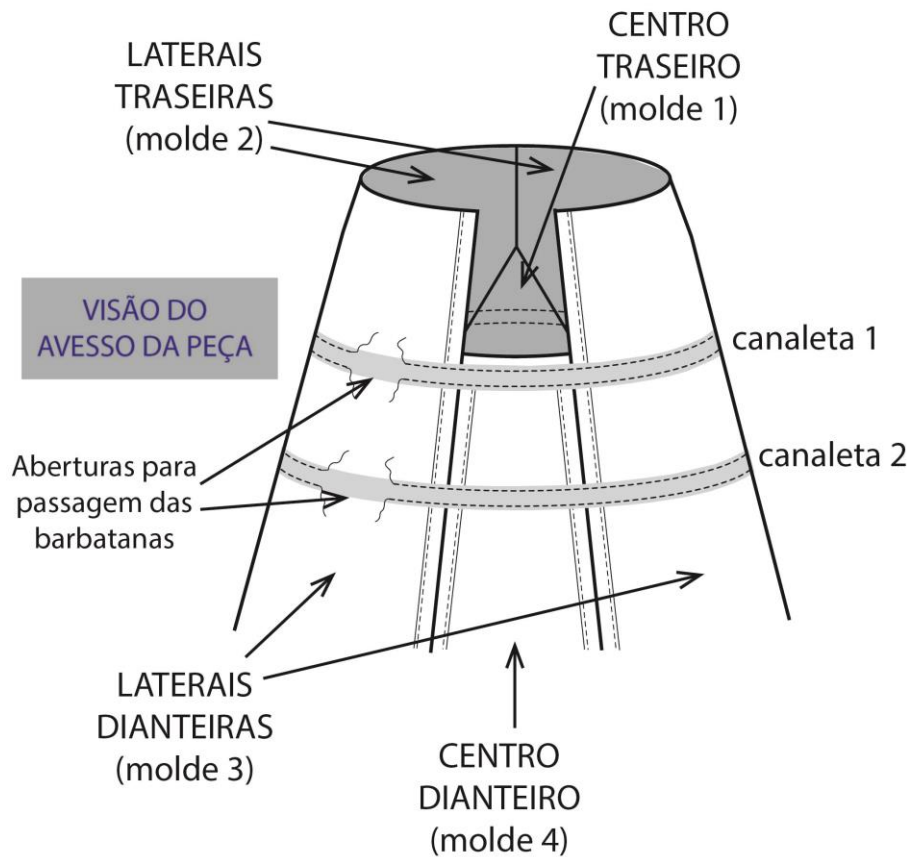
Costurar as tiras de viés para formar as canaletas, do tipo canaletas de viés simples, como descrito no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 27. As canaletas serão costuradas pelo avesso, seguindo as marcações nos moldes. Ao costurar cada uma das tiras de viés na “saia”, deixar uma abertura (de, aproximadamente, 15 cm), para colocação da barbatana (depois será fechada por costura à mão).

No centro dianteiro, fazer uma bainha na parte superior (dobrada duas vezes, com 0,75 cm) e, também, nas laterais da abertura frontal (das laterais dianteiras). A bainha deve passar pelos pontos F-G-J-G-F (moldes 3 e 4).

A Figura 63 mostra um diagrama, com detalhes das costuras até este momento das instruções (mostra o avesso da peça).



**Figura 62** - Detalhe da frente da estrutura de c.1866, mostrando a parte que fica sem barbatanas, para facilitar o ajuste da peça ao corpo. Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 63** - Etapa de montagem da estrutura de c.1866 – visão pelo avesso da peça. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Preparar o cós seguindo as instruções gerais, apresentadas no texto COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS, na página 27. Costurar o cós na estrutura, posicionando a marcação do cós (centro das costas) no ponto K, indicado no molde da lateral traseira (molde 2). A partir deste ponto, costurar indo para a frente até o ponto F, indicado no molde da lateral dianteira (molde 3). Fazer isso dos dois lados.

Cortar e colocar as barbatanas 1 a 6 em cada canaleta. Verificar nos moldes a correspondência da numeração das barbatanas. Nesta peça, todas as barbatanas dão a volta completa. Não forçar com barbatanas mais longas que o necessário. Elas devem preencher toda a extensão da canaleta e ter um acréscimo para transpasse se forem unidas com esparadrapo. Lembrar que a necessidade do transpasse depende do tipo de junção e do material que será usado para unir as barbatanas.

As medidas das barbatanas usadas para a confecção do protótipo apresentado aqui são mostradas na **tabela de tamanhos das barbatanas**.

**Tabela de tamanhos das barbatanas da estrutura de c.1866**

Barbatana	Medida
1	1,24 m
2	1,50 m
3	1,72 m
4	2,00 m
5	2,22 m
6	2,52 m

**Observações:** acrescentar 4 cm para transpasse em cada ponta se utilizar esparadrapo para a junção das barbatanas. As medidas da tabela são apenas para referência, pois podem variar. Caso a estrutura seja confeccionada em outros tamanhos, adaptar estas medidas.

Fechar as aberturas das canaletas com pontos à mão.

Este modelo de estrutura deve ficar deslocada para trás. Assim, uma opção para garantir este deslocamento é usar um enchimento (chamado de **suporte traseiro**). Este suporte é feito à parte e é colocado sob a estrutura, na parte de trás do corpo. Sua confecção é simples e é feito como uma almofada. O enchimento pode ser de manta acrílica ou palha (preferencialmente, aquelas usadas para artesanato).

Costurar em toda a volta do suporte traseiro, deixando uma pequena abertura. Encher com a palha ou a manta e fechar a abertura. Prender no cós da estrutura, costurando na linha A-B (indicada por “cintura-costas” no molde 5). A Figura 64 mostra o suporte já preso à estrutura (a peça foi vestida com o avesso para fora, apenas para mostrar a colocação do suporte no cós).

A Figura 65 mostra a estrutura de c.1866 já finalizada, com destaque para deslocamento da estrutura toda para trás, com o auxílio do suporte traseiro posicionado sob a estrutura.



**Figura 64** - Suporte traseiro já costurado ao cós da estrutura – visão do avesso. Fonte: Acervo de Aglair Nigro Mello. Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.



**Figura 65** - Visão lateral da estrutura vestida. Foto: Maria Celina Gil, 2018.

**IMPORTANTE:** a alternativa para a confecção desta estrutura é trabalhar da mesma forma que a base da estrutura de c.1860, ou seja, montar toda a estrutura com tecido duplo e preparar as canaletas usando apenas costuras feitas no tecido duplo, formando o caminho necessário para a passagem das barbatanas. Neste caso, a abertura para as barbatanas deve ser feita, também, em uma das costuras verticais (pelo avesso), posteriormente fechada com pontos de costura à mão.

## TRAJE 3. A estrutura de c.1870



**Figura 66** - Protótipo da estrutura de c.1870 – frente.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

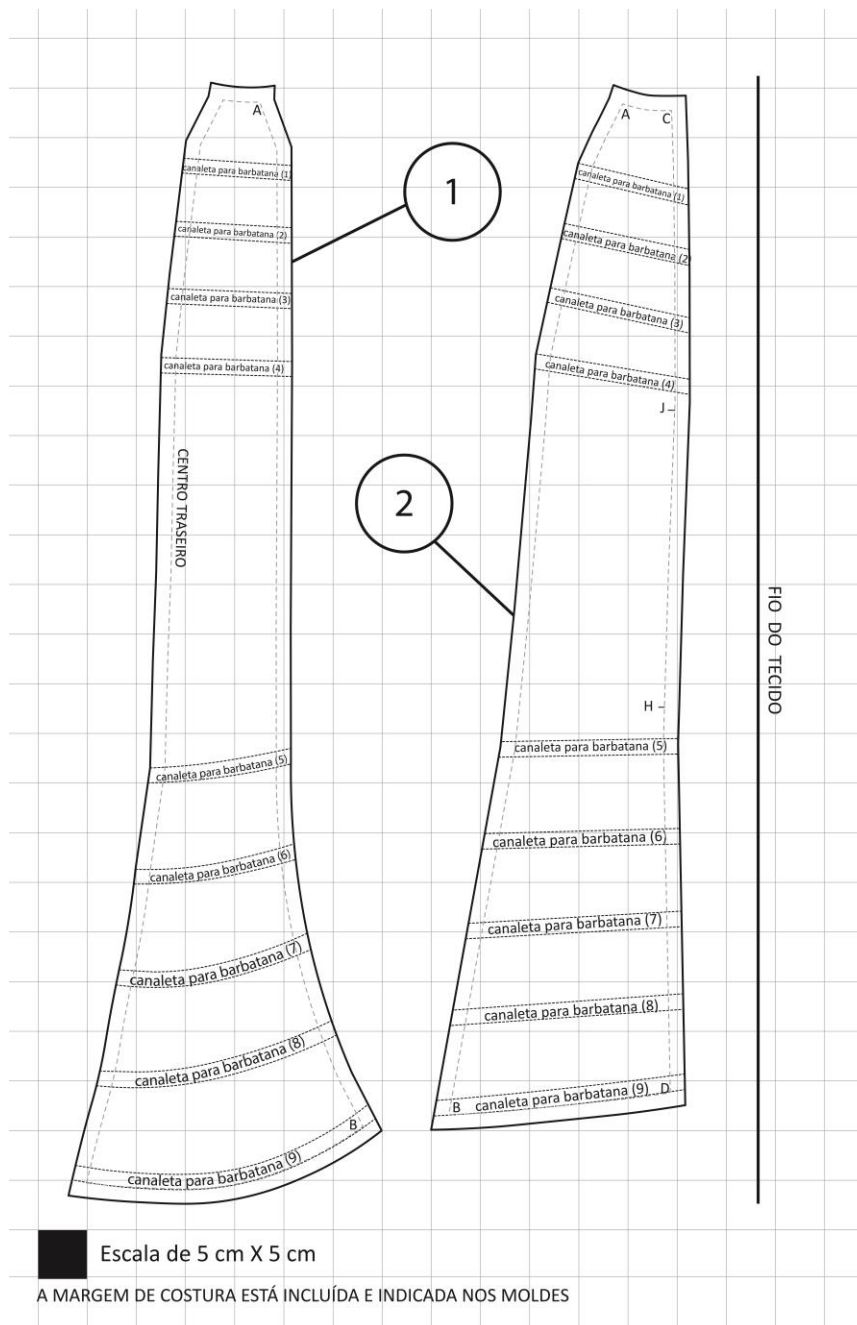


**Figura 67** - Protótipo da estrutura de c.1870 – lateral.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

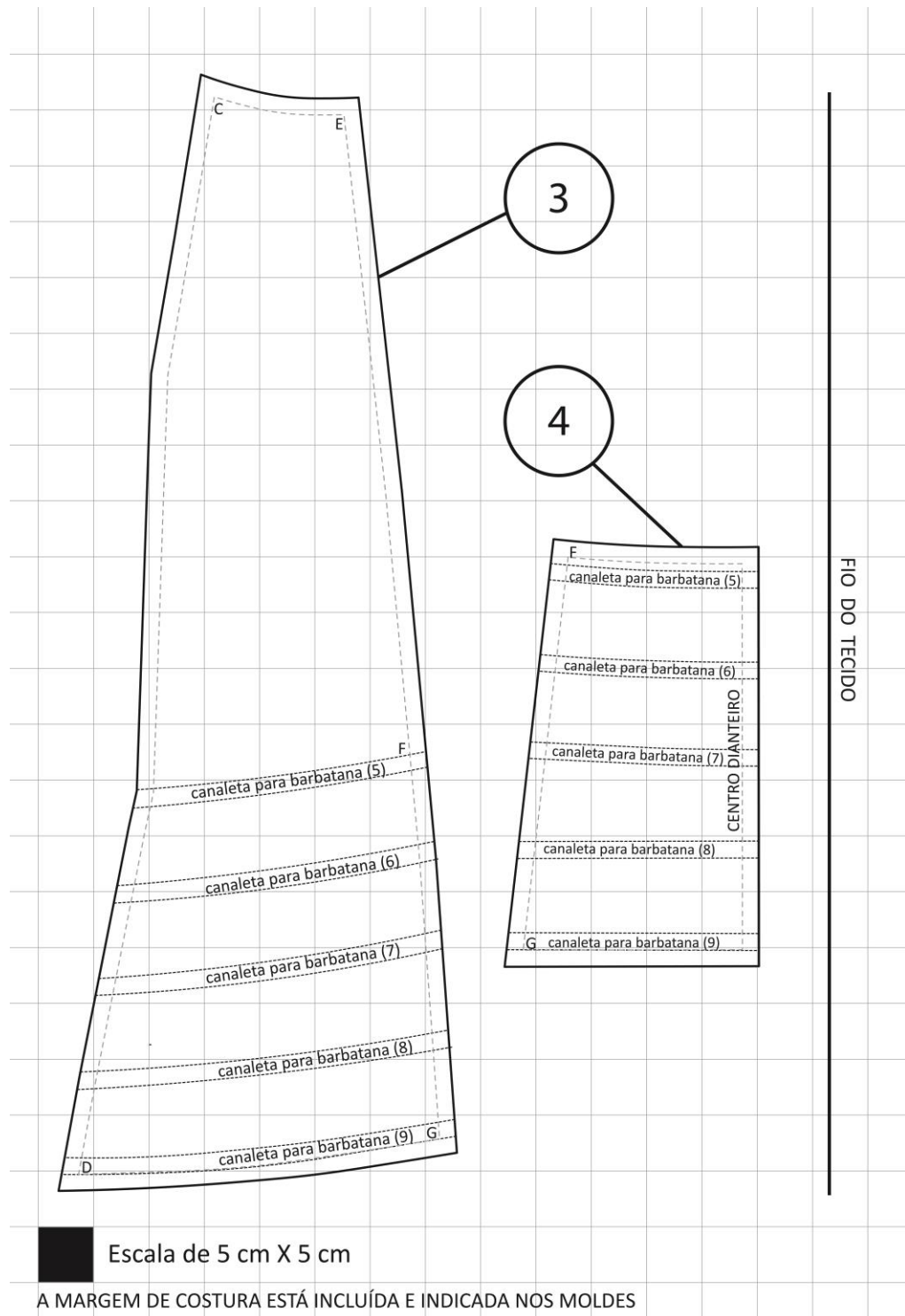


**Figura 68** - Protótipo da estrutura de c.1870 – costas.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

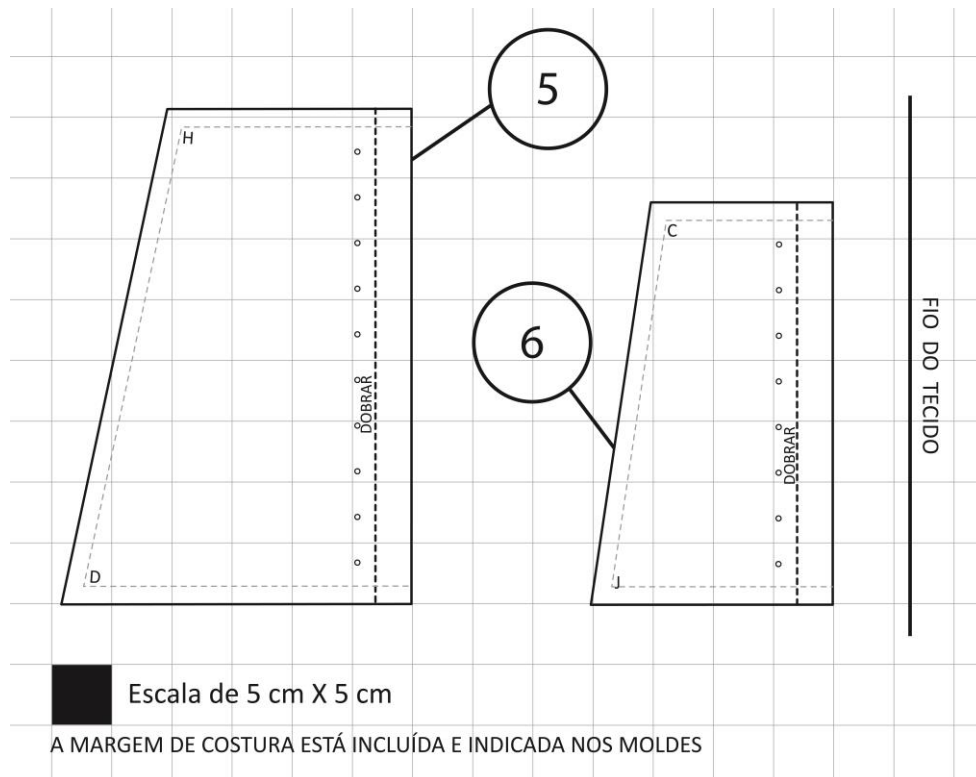
Observação: os moldes estão no tamanho 40 e já contêm margem de costura de 1,5 cm, conforme representado. Os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, com quadros de 5 cm X 5 cm.



**Figura 69** - Moldes da estrutura de c.1870.  
Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e  
Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.



**Figura 70** - Moldes da estrutura de c.1870. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.



**Figura 71** - Moldes da estrutura de c.1870. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

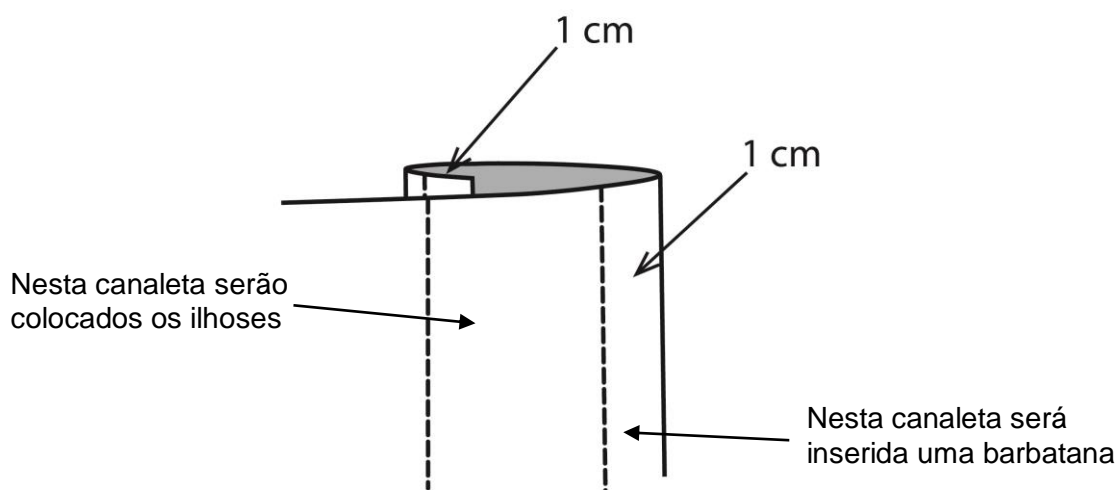
**MODELAGEM - PARTES:**  
Tamanho 40

- 1 – Centro traseiro – cortar 2 vezes no tecido
- 2 – Lateral traseira – cortar 2 vezes no tecido
- 3 – Lateral dianteira – cortar 2 vezes no tecido
- 4 – Centro dianteiro externo – cortar 2 vezes no tecido
- 5 – Painel de ajuste inferior – cortar 2 vezes no tecido
- 6 – Painel de ajuste superior – cortar 2 vezes no tecido



## INSTRUÇÕES DE CONFECÇÃO:

Iniciar pela preparação dos **painéis de ajuste** superior e inferior (moldes 5 e 6). Em cada painel, dobrar na linha tracejada indicada nos moldes e fazer uma bainha com a margem de costura, formando a bainha lateral, conforme a Figura 72.

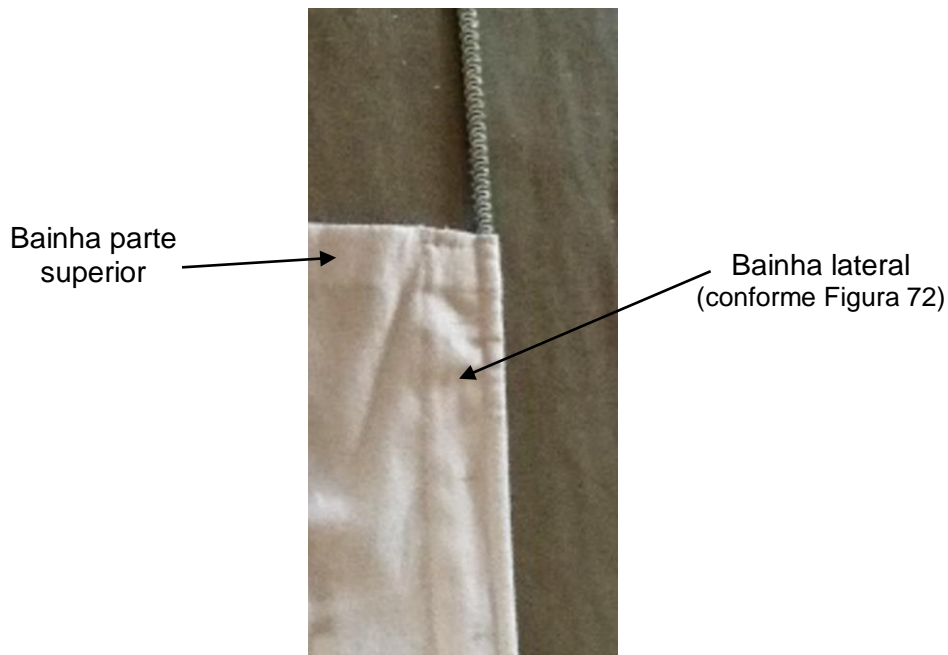


**Figura 72** - Detalhe da montagem da bainha dos painéis de ajuste.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Observação: a costura mais próxima da borda pode ser feita com 1 cm, conforme o diagrama, porém, lembrar que nesta canaleta será inserida uma barbatana, assim, a costura deve ser suficiente para que a barbatana entre com um pouco de folga.

Fazer também uma bainha na parte superior e na parte inferior (dobradas duas vezes) de 0,75 cm. Inserir uma barbatana na canaleta da borda. Esta barbatana pode, inclusive, ser uma barbatana de metal espiralada, pois a tensão que a barbatana vai receber é apenas lateral, visando ajustar o cordão trançado (Figura 73).

Em cada painel, marcar os ilhoses, conforme indicações no molde e preparar de acordo com o método escolhido (costura à mão ou ilhós de metal colocado). Estes painéis serão costurados à estrutura posteriormente.

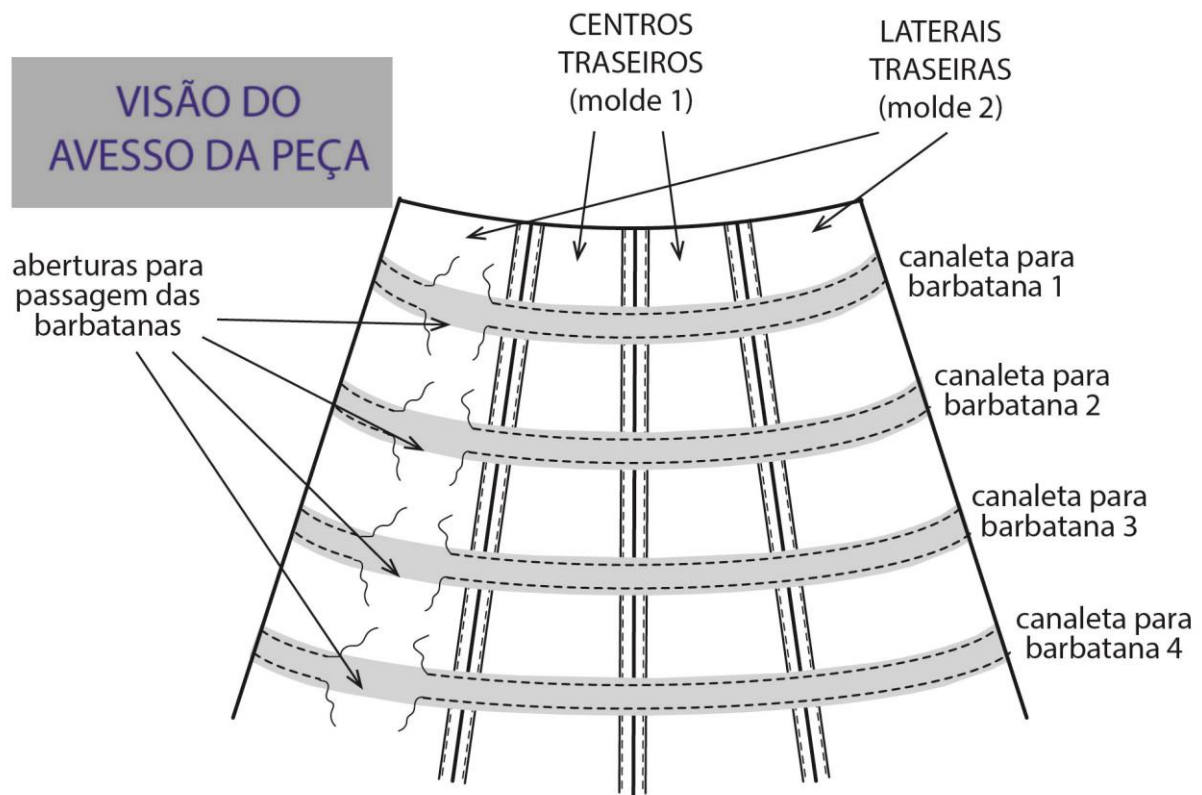


**Figura 73** - Detalhe da canaleta da barbatana do painel.  
Acervo: Aglair Nigro Mello. Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.

Unir as duas partes do centro traseiro (direito com direito), a margem de costura, como indicado nos moldes, é de 1,5 cm (molde 1). Abrir as costuras com o ferro de passar, fazer um acabamento interno para facilitar a passagem das barbatanas. Este acabamento deve ser feito com uma pequena bainha nas margens de costura (0,5 cm) dos dois lados (ver Figura 45).

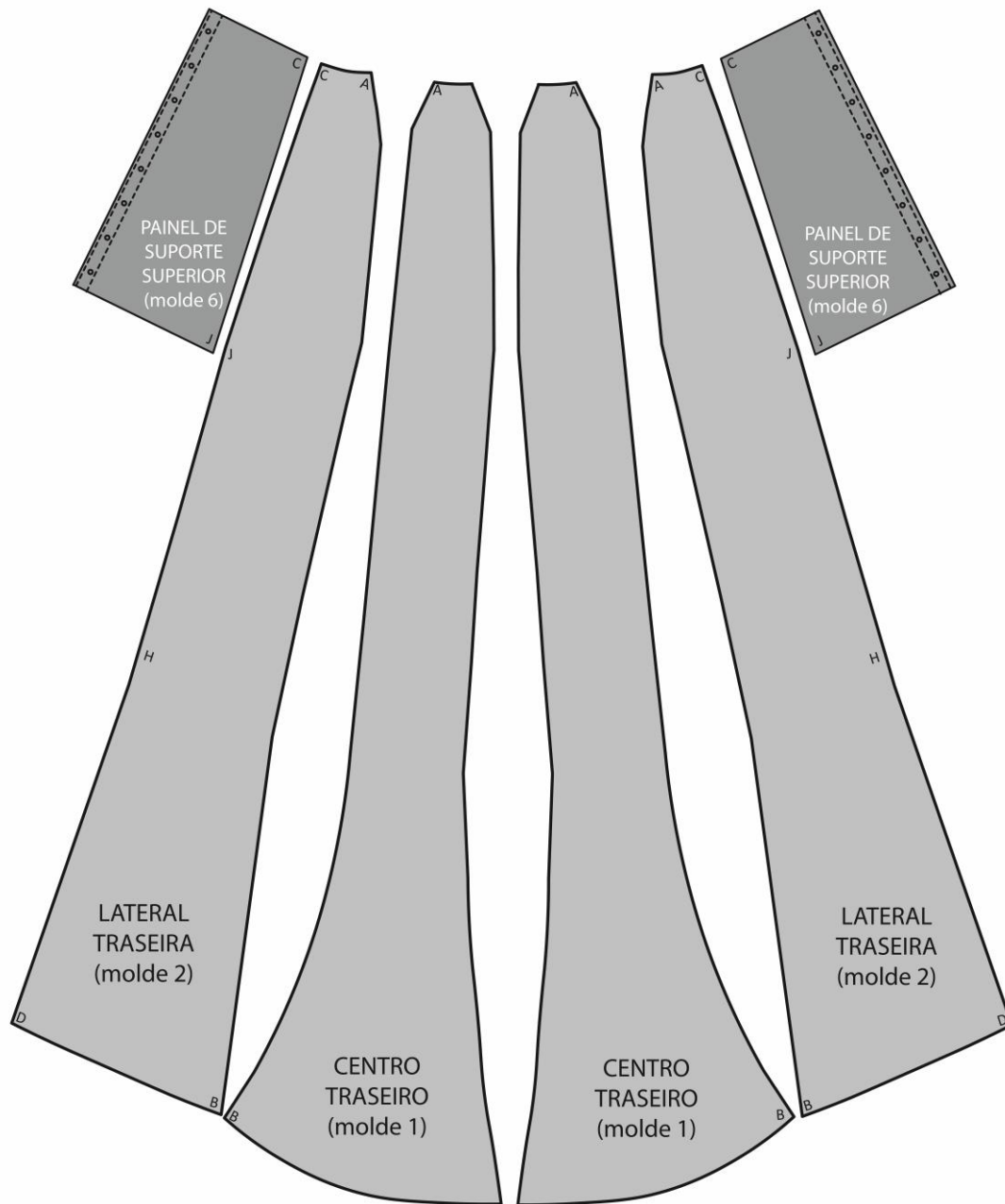
Unir ao centro traseiro as duas partes da lateral traseira (molde 2), sendo uma de cada lado (unir a costura A-B, direito com direito). Abrir todas as costuras e fazer a bainha de acabamento interno para facilitar a passagem das barbatanas, como já mencionado.

Costurar as tiras de viés para formar as canaletas das barbatanas 1 a 4, do tipo canaletas de viés simples, como descrito no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 27. As canaletas serão costuradas pelo avesso, seguindo as marcações nos moldes. Ao costurar cada uma das tiras de viés na “saia”, deixar uma abertura (de, aproximadamente, 15 cm), para colocação da barbatana (depois será fechada por costura à mão). **Atenção:** costurar apenas estas, as outras canaletas serão preparadas posteriormente. A Figura 74 mostra um diagrama, com detalhes das costuras até este momento das instruções (mostra o avesso da peça).



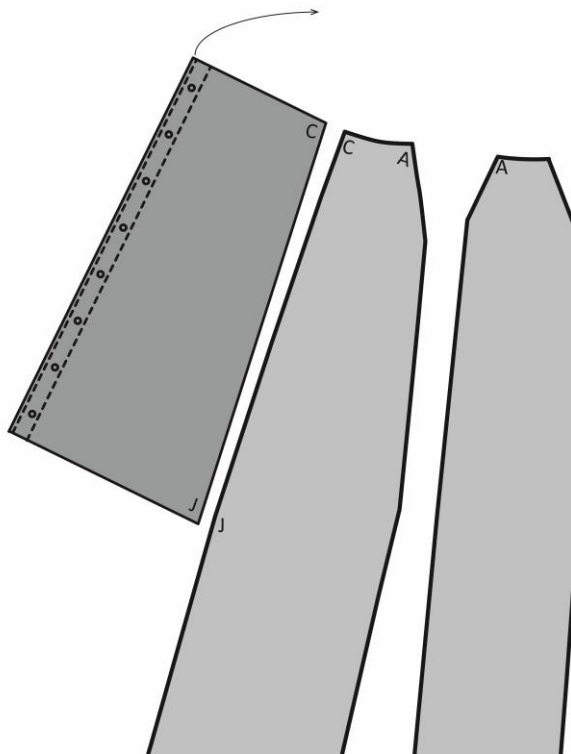
**Figura 74** - Etapa de montagem da estrutura de c.1870 – visão pelo avesso da peça.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Prender os painéis de ajuste superior (molde 6), já preparados anteriormente, às laterais traseiras, conforme indicações nos moldes. A costura dos painéis às laterais deve ser feita posicionando avesso com avesso (costurar entre os pontos C-J). Estes painéis serão amarrados e ficarão por dentro da estrutura (para trás do quadril da usuária). Até o momento, a montagem da estrutura encontra-se como na Figura 75.



**Figura 75** - Diagrama parcial da montagem da estrutura de c.1870.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Os painéis superiores devem ser mantidos junto do avesso da peça (Figura 76).

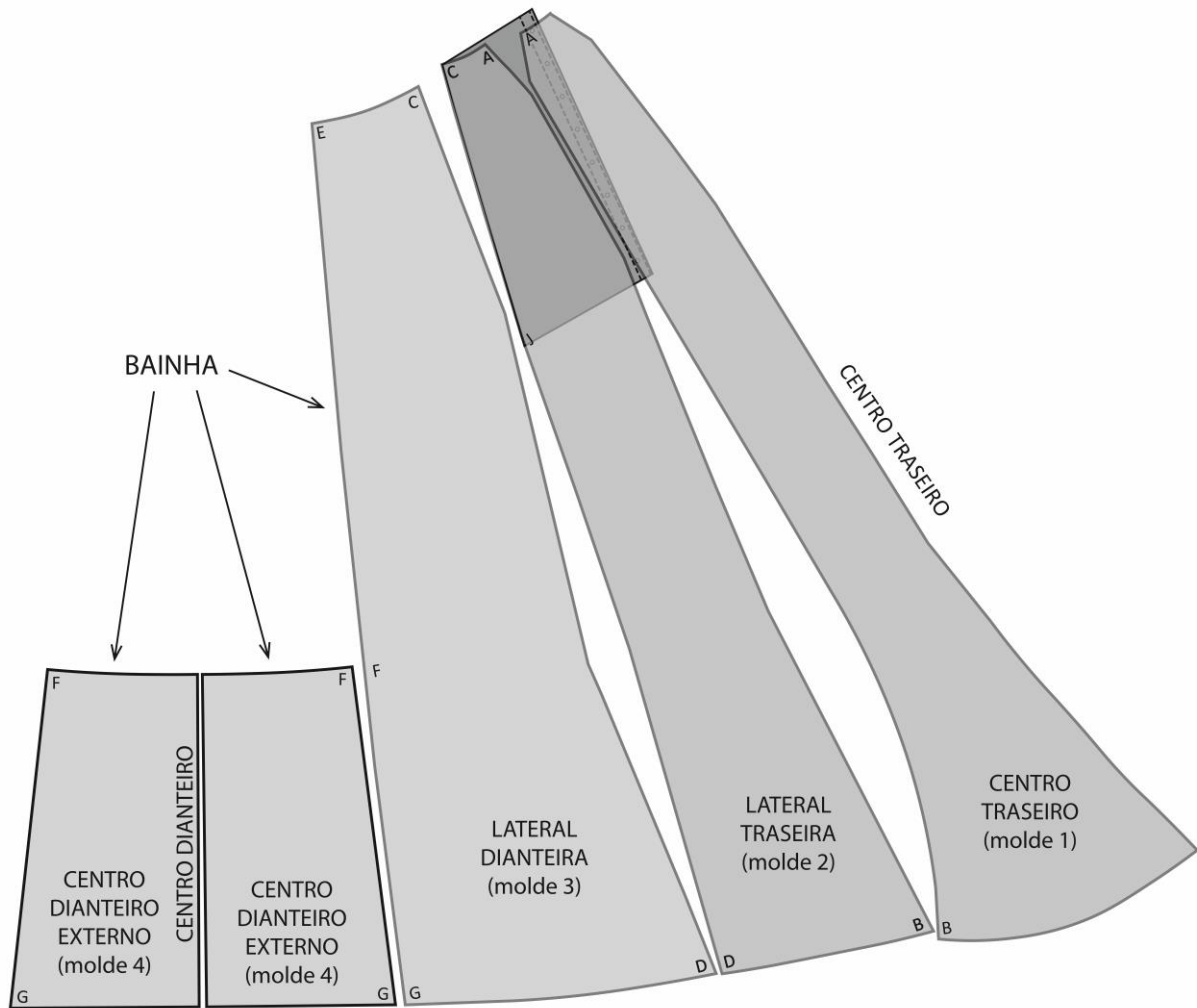


**Figura 76** - Dobrando o painel de ajuste superior para o avesso da estrutura de c.1870.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Costurar as laterais dianteiras (molde 3), uma de cada lado, conforme as marcações (C-D, direito com direito). Na parte superior, estas partes serão costuradas junto com os painéis. Abrir as costuras com o ferro de passar e fazer o acabamento interno, já explicado, para facilitar a passagem das barbatanas.

Preparar o centro dianteiro externo (molde 4), unindo as duas partes pela linha central (centro frente). Abrir as costuras com o ferro de passar e proceder com as costuras na margem para facilitar a passagem das barbatanas (Figura 45).

Costurar o centro dianteiro externo nas laterais dianteiras, conforme indicações nos moldes 3 e 4 (F-G). Abrir as costuras da mesma forma que a anterior. Fazer uma bainha na parte superior do centro dianteiro. A bainha é dobrada duas vezes, com 0,75 cm. Fazer também a bainha nas laterais dianteiras (molde 3, E-F) – estas partes não serão costuradas a nenhuma outra peça, portanto devem receber este acabamento (ver a indicação “bainha” na Figura 77).



**Figura 77** - Posição dos centros dianteiros e bainhas.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

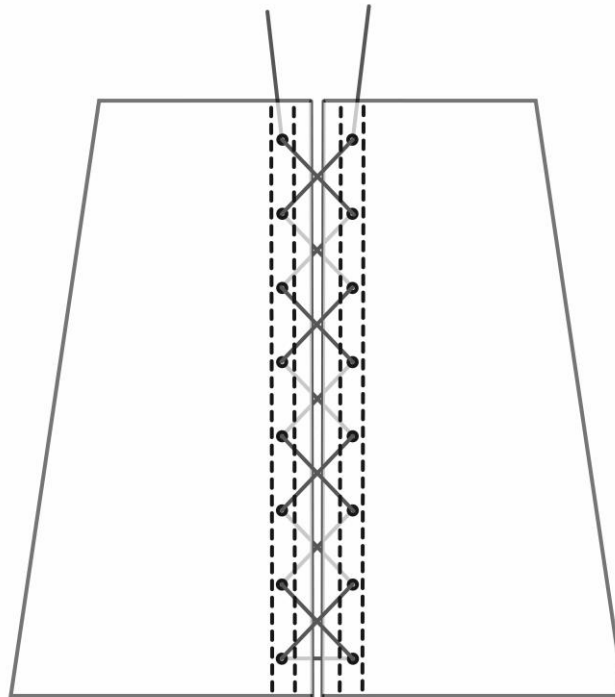
Montar as canaletas para as barbatanas 5 a 8, costurando as tiras de viés para formar as canaletas (do tipo canaletas de viés simples) como descrito no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 24. As canaletas serão costuradas pelo avesso, seguindo as marcações nos moldes. Ao costurar cada uma das tiras de viés na “saia”, deixar uma abertura (de, aproximadamente, 15 cm), para colocação da barbatana (depois será fechada por costura à mão).

As canaletas 5, 6, 7 e 8 dão a volta completa em torno da estrutura. A canaleta para a barbatana 9 será colocada no próximo passo e já servirá como acabamento da barra da estrutura.

Ver procedimento detalhado sobre canaletas costuradas na barra das estruturas, no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 24.

Virar a estrutura do avesso e prender os painéis de ajuste inferiores na marcação correspondente (H-D, nos moldes 2 e 5). Estes painéis já devem ter sido preparados no início do processo, juntamente com os painéis de ajuste superiores. Os painéis inferiores devem ser posicionados exatamente como os painéis superiores. Ao costurá-los, não passar com a costura por cima das canaletas, ao encontrar uma canaleta, interromper a costura e “saltar” a canaleta, continuando a costurar. Se preferir costurar à mão, fazer uma costura bem reforçada pois este painel ficará constantemente tensionado.

Passar um cordão pelos ilhoses dos painéis (superiores e inferiores), da mesma forma que se passa um cordão de tênis, deixando as pontas para cima (Figura 78). O ajuste dos cordões deve ser feito posteriormente, ao vestir a estrutura, de modo a obter a forma mais adequada ao traje.



**Figura 78** - Amarração dos painéis de ajuste (superiores e inferiores).  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

O painel de ajuste superior fica posicionado atrás do quadril da usuária e o painel de ajuste inferior fica atrás das pernas. A Figura 79 mostra o painel de ajuste inferior no protótipo da

estrutura de c.1870, já finalizado, vestido em um manequim de modelagem. Na figura pode-se ver parte das pernas do manequim e o painel logo atrás e abaixo.

Cortar e colocar as barbatanas 1 a 9 em cada canaleta. A medida do comprimento das barbatanas corresponde ao comprimento disponível em cada canaleta. Não forçar com barbatanas mais longas que o necessário. Elas devem preencher toda a extensão da canaleta e ter um acréscimo para transpasse se forem unidas com esparadrapo. Lembrar que a necessidade do transpasse depende do tipo de junção e do material que será usado para unir as barbatanas.



**Figura 79** - Painel de ajuste inferior da estrutura de c.1870, já finalizado.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



As medidas das barbatanas usadas para a confecção do protótipo apresentado aqui são mostradas na **tabela de tamanhos das barbatanas**. Verificar no molde a correspondência da numeração das barbatanas. As barbatanas inferiores (5 a 9) dão a volta completa na estrutura e as barbatanas superiores (1 a 4) não passam pela frente.

**Tabela de tamanhos das barbatanas da estrutura de c.1870**

Barbatana	Medida
1 (*)	0,28 m
2 (*)	0,35 m
3 (*)	0,40 m
4 (*)	0,44 m
5	1,42 m
6	1,55 m
7	1,70 m
8	1,90 m
9	2,20 m

**Observações:** acrescentar 4 cm para transpasse em cada ponta se utilizar esparadrapo para a junção das barbatanas. As medidas da tabela são apenas para referência, as medidas podem variar. Caso a estrutura seja confeccionada em outros tamanhos, adaptar estas medidas. As barbatanas marcadas com (\*) não requerem transpasse.

A Figura 80 mostra uma visão lateral da estrutura de c.1870, com destaque para as barbatanas 1 a 4 que não dão a volta completa na estrutura.

Preparar o cóis seguindo as instruções gerais, apresentadas no texto COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS, na página 27. A Figura 81 mostra o cóis já costurado à estrutura, destacando a abertura frontal da estrutura de c.1870.



**Figura 80** - Visão lateral da estrutura de c.1870, mostrando as barbatanas de 1 a 4.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 81** - Visão frontal da estrutura de c.1870, mostrando o cós já finalizado.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

## TRAJE 4. A estrutura de c.1876



**Figura 82** - Protótipo da estrutura de c.1876 – frente.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

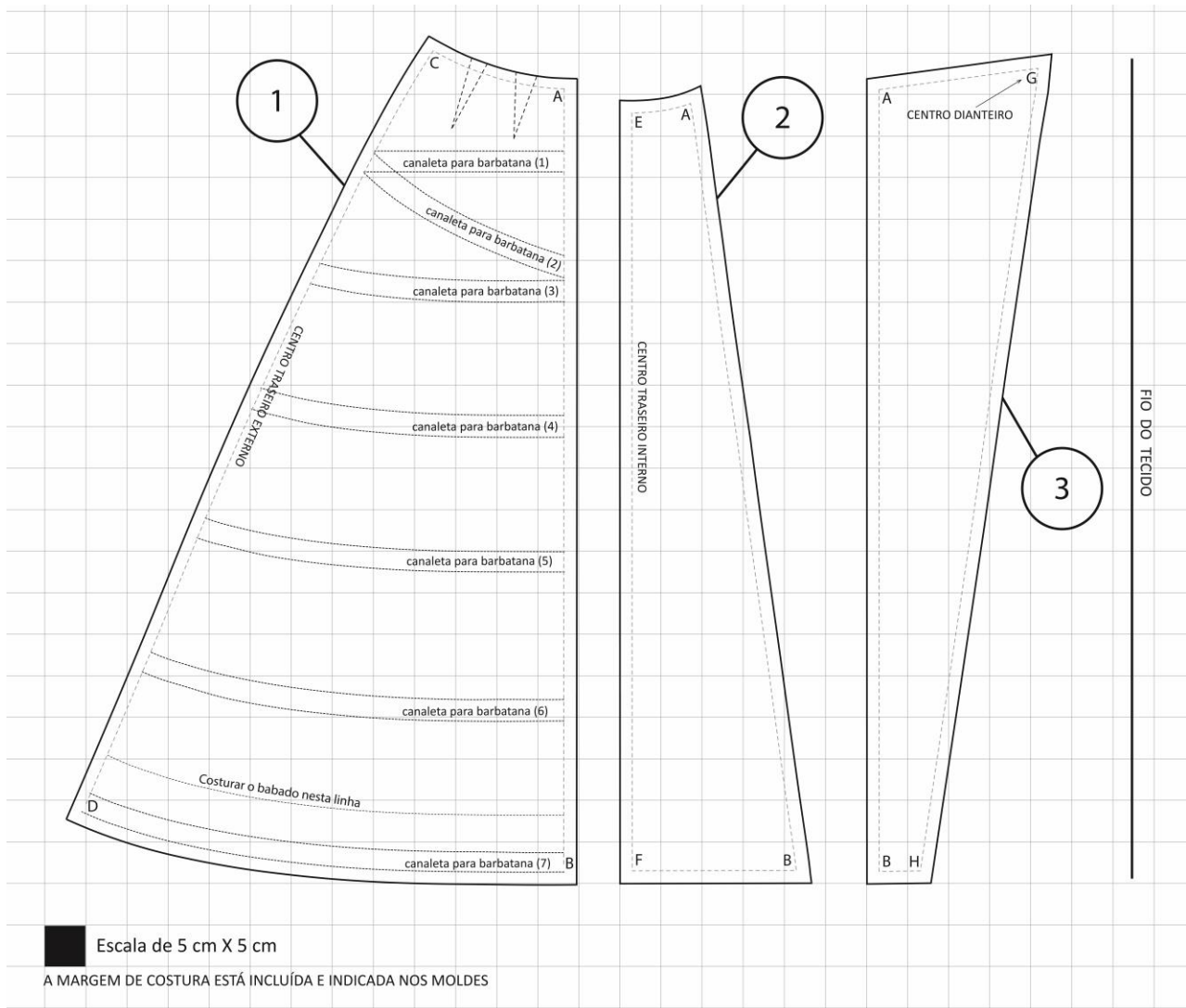


**Figura 83** - Protótipo da estrutura de c.1876 – lateral.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 84** - Protótipo da estrutura de c.1876 – costas.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Observação: os moldes estão no tamanho 40 e já contêm margem de costura de 1,5 cm, conforme representado. Os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, com quadros de 5 cm X 5 cm.



**Figura 85** - Moldes da estrutura de c.1876. Modelagem adaptada por: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Observação sobre o molde 1: notar que as canaletas 1 e 2 são cruzadas, portanto, ao preparar a marcação da canaleta, observar que ambas usam as mesmas marcações.

## MODELAGEM - PARTES:

Tamanho 40

- 1 – Traseiro externo – cortar 2 vezes no tecido
- 2 – Traseiro interno – cortar 2 vezes no tecido
- 3 – Lateral – cortar 4 vezes no tecido

## INSTRUÇÕES DE CONFECÇÃO:

Iniciar pela preparação do traseiro externo, unindo com costura o centro traseiro (indicado no molde 1, C-D) e fechando as pences.

Abrir as costuras e fazer um acabamento interno com uma pequena bainha nas margens de costura (0,5 cm) dos dois lados (Figura 45), como já mostrado anteriormente. Nesta estrutura, as barbatanas vão ser colocadas externamente à peça, assim, esta costura será apenas para melhor acabamento.

Costurar as tiras de viés para formar as canaletas, conforme as marcações no molde 1. As canaletas nesta estrutura foram costuradas como canaletas de viés simples, da maneira descrita no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 24, porém, foram colocadas no exterior da peça (em vez de serem costuradas no avesso).

A largura do viés deve ser escolhida em função da largura da barbatana. Para esta peça, pode-se usar viés de outra cor, ou feito em tecido xadrez.

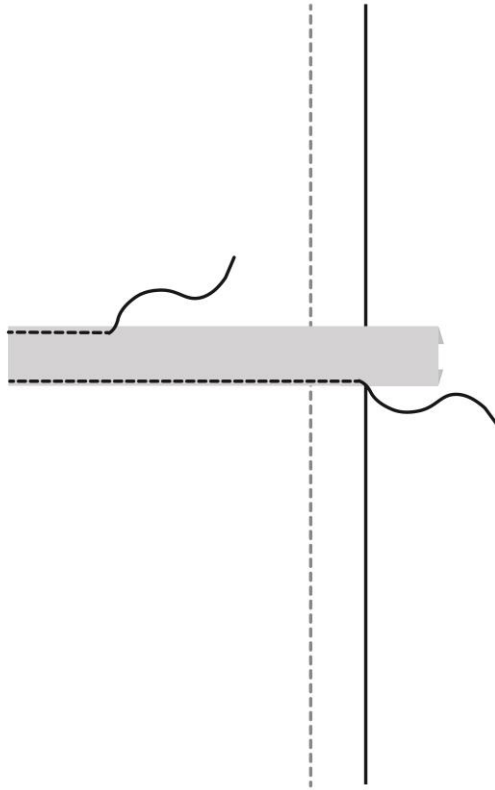
A canaleta 7, que fica na barra da estrutura, deve ser costurada conforme o procedimento indicado no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 27.

**IMPORTANTE:** próximo a uma das laterais (apenas), deixar uma pequena parte da canaleta sem fechar (aproximadamente 5 cm, para que a barbatana possa ser inserida posteriormente) (Figura 86).

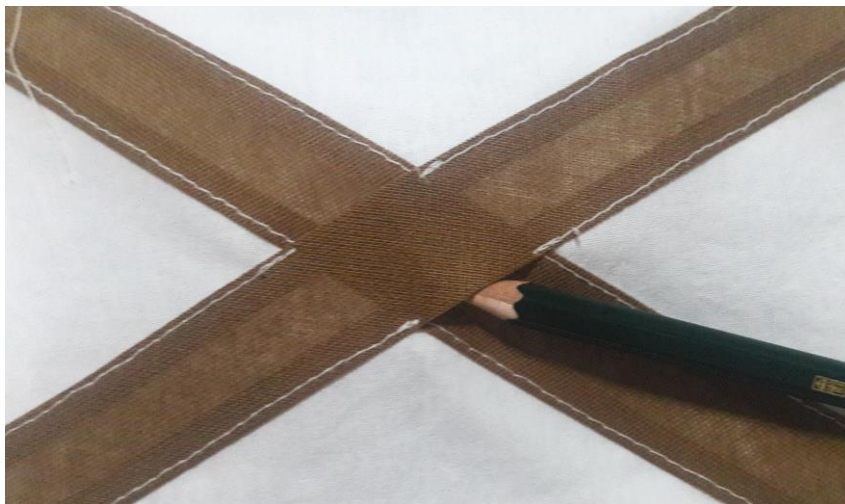
As canaletas de viés devem sobrepor a costura do centro traseiro da estrutura, de modo a suportar a barbatana de uma lateral até a outra.

**ATENÇÃO:** costurar a canaleta 1 em toda a sua extensão, mas ao costurar a canaleta 2, “saltar” o cruzamento com a canaleta 1, deixando uma pequena parte sem costurar. Se isso não for feito, a canaleta 1 ficará fechada neste ponto, impedindo a passagem da barbatana. Depois que todas as

barbatanas forem passadas pelas canaletas, esta abertura pode ser fechada com pontos à mão (Figura 87).

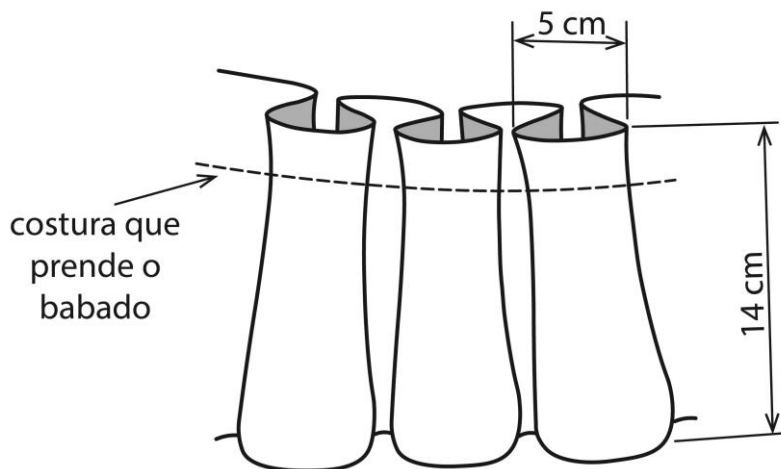


**Figura 86** - Abertura deixada nas canaletas para colocação das barbatanas.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.



**Figura 87** - Costura das canaletas para as barbatanas 1 e 2.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

Preparar o babado pregueado, que será costurado no traseiro externo (ver a posição do babado no molde 1). Para o protótipo exemplo, foi cortada uma tira com, aproximadamente, 3,70 m de comprimento. As pregas do babado devem ter 2,5 cm de profundidade, resultando conforme o diagrama da Figura 88. A costura que prende o babado na estrutura deve coincidir com a marcação do molde. **ATENÇÃO:** o babado ainda não deve ser costurado à estrutura. Isto será feito mais adiante.



**Figura 88** - Diagrama da elaboração do babado da estrutura de c.1876.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Preparar as partes do traseiro interno, unindo a linha do centro traseiro (indicado no molde 2, como E-F). Fazer uma barra na parte de cima (na linha A-E-A) e na de baixo (na linha B-F-B). Este traseiro interno ficará preso ao traseiro externo apenas pelas costuras laterais.

Preparar as laterais, cortando 4 vezes, como indicado (molde 3) e costurando duas a duas. A costura será feita nas linhas B-H-G. As linhas A-B e A-G ficarão abertas. Virar para o direito e passar. Opcionalmente, pode-se fazer uma costura de pesponto nas partes fechadas. As laterais estão prontas para serem costuradas à estrutura.

Juntar as partes traseiro externo (molde 1), traseiro interno (molde 2) e laterais já preparadas (molde 3), costurando as linhas A-B, nas duas laterais, da seguinte forma:

- Apoiar sobre uma mesa o traseiro externo, com o direito voltado para cima, sobre este, colocar as duas peças laterais (que já estão costuradas em duplas). Atenção para a posição correta indicada pelas letras nos moldes (posicionar os pontos A e B, fazendo-os coincidir), conforme Figura 89.

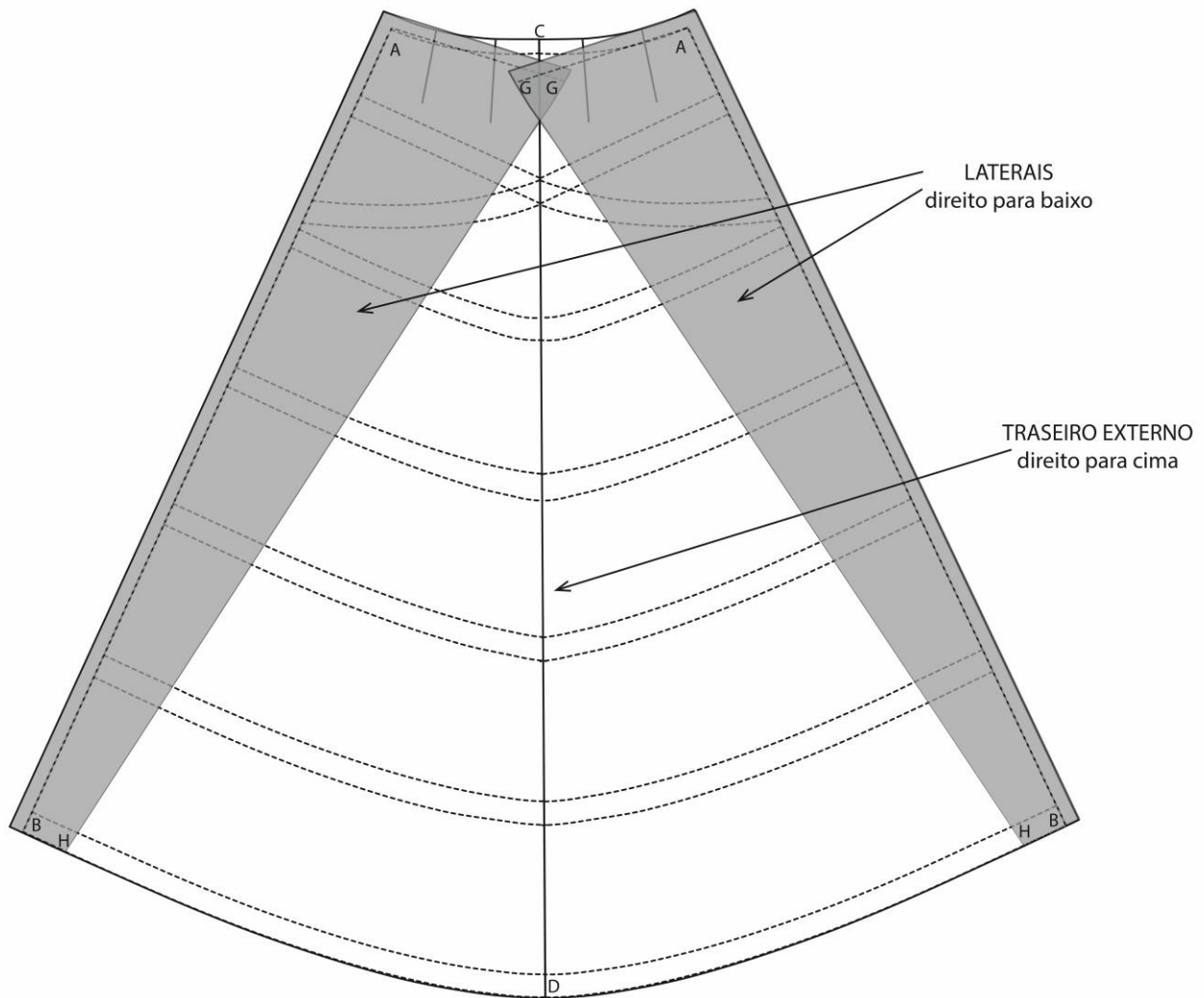


Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

- Costurar o babado ao traseiro externo, seguindo a marcação no molde 1. Detalhes do posicionamento do babado, na estrutura já finalizada, podem ser vistos nas Figuras 93 e 94.
- Sobre estas peças, colocar o traseiro interno, com o avesso virado para cima, posicionando, também, as letras A e B nas duas laterais. Costurar as duas linhas A-B, unindo todas as peças.
- Virar o conjunto para o direito, de modo que o direito do traseiro externo e o direito do traseiro interno fiquem para fora.



Preparar o cós seguindo as instruções gerais, apresentadas no texto COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS, na página 27.

Costurar o cós prendendo apenas a parte traseira externa e a lateral (a parte traseira interna fica solta na linha da cintura). A figura 90 mostra um detalhe do cós já costurado à estrutura.



**Figura 90** - Cós já finalizado na estrutura de c.1876.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Cortar e colocar as barbatanas 1 a 7 em cada canaleta. A medida do comprimento das barbatanas corresponde ao comprimento disponível em cada canaleta. Não forçar com barbatanas mais longas que o necessário, ao contrário, nesta estrutura, as barbatanas devem preencher toda a extensão da canaleta e serem cortadas com 1 cm, para folga. Como nenhuma destas barbatanas dá a volta completa na estrutura, não são necessários transpasses.

As barbatanas devem receber um acabamento nas pontas (pode ser usado um terminador, próprio para isso, ou esparadrapo grosso). Isso é importante pois, caso não seja feito, as pontas das barbatanas tendem a rasgar o tecido devido à tensão concentrada no local.

As medidas das barbatanas usadas para a confecção do protótipo apresentado aqui são mostradas na **tabela de tamanhos das barbatanas**. Verificar no molde a correspondência da numeração das barbatanas.

### Tabela de tamanhos das barbatanas da estrutura de c.1876

Barbatana	Medida
1	52
2	54
3	60
4	75
5	88
6	104
7	120

OBSERVAÇÕES: as medidas da tabela são apenas para referência, pois podem variar. Caso a estrutura seja confeccionada em outros tamanhos, adaptar estas medidas.

Colocar as barbatanas pelas aberturas deixadas em cada canaleta e fechar todas as aberturas com pontos à mão. As figuras 91 e 92 mostram um detalhe das barbatanas já finalizadas.



**Figura 91** - Detalhe da estrutura com barbatanas já finalizadas (visão traseira).  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 92** - Detalhe da estrutura com barbatanas já finalizadas (visão lateral). Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 93** - A estrutura já finalizada, em visão lateral, com destaque para o babado. Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 94** - A estrutura já finalizada, em visão traseira, com destaque para o babado. Foto: Maria Celina Gil, 2018.

## TRAJE 5. A estrutura de c.1887



**Figura 95** - Protótipo da estrutura de c.1887 – frente.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

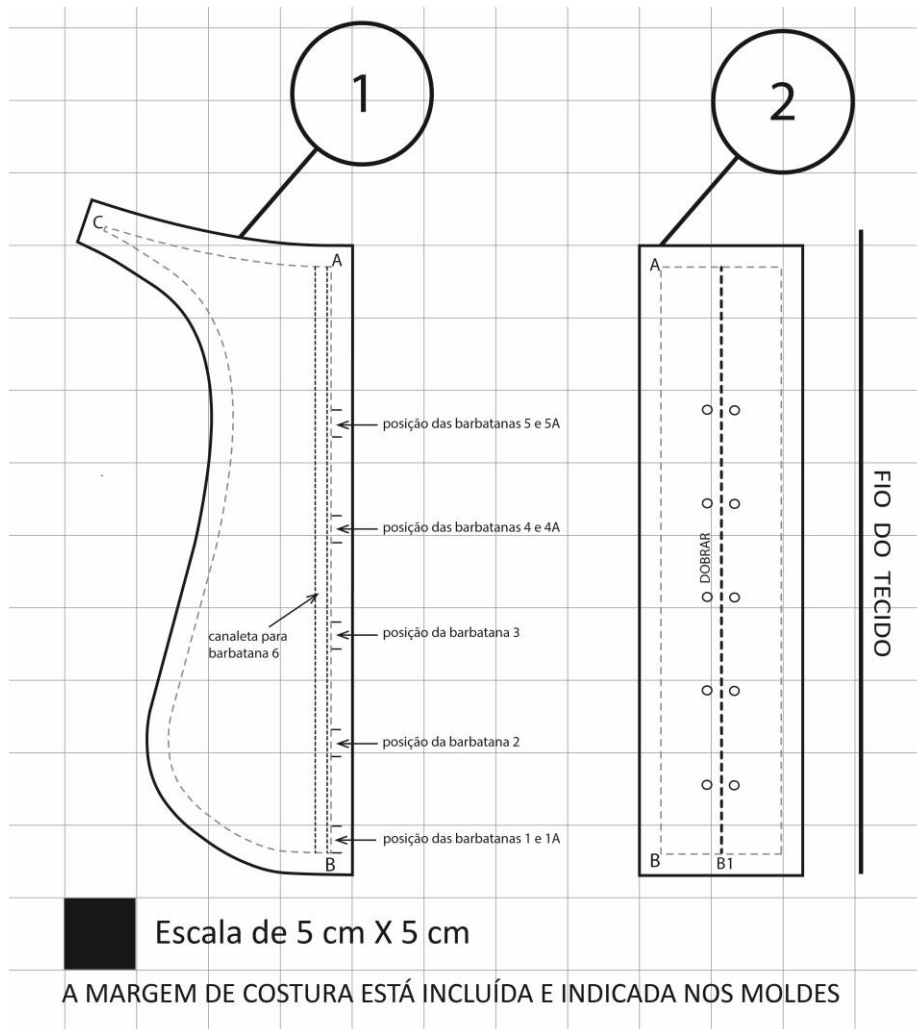


**Figura 96** - Protótipo da estrutura de c.1887 – lateral.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.



**Figura 97** - Protótipo da estrutura de c.1887 – costas.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Observação: os moldes estão no tamanho 40 e já contêm margem de costura de 1,5 cm, conforme representado. Os moldes são apresentados sobre uma grade quadriculada, com quadros de 5 cm X 5 cm.



**Figura 98** - Moldes da estrutura de c.1887. Modelagem: Isabel C. Italiano e Aglair Nigro Mello, 2017. Diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

#### MODELAGEM - PARTES:

Tamanho 40

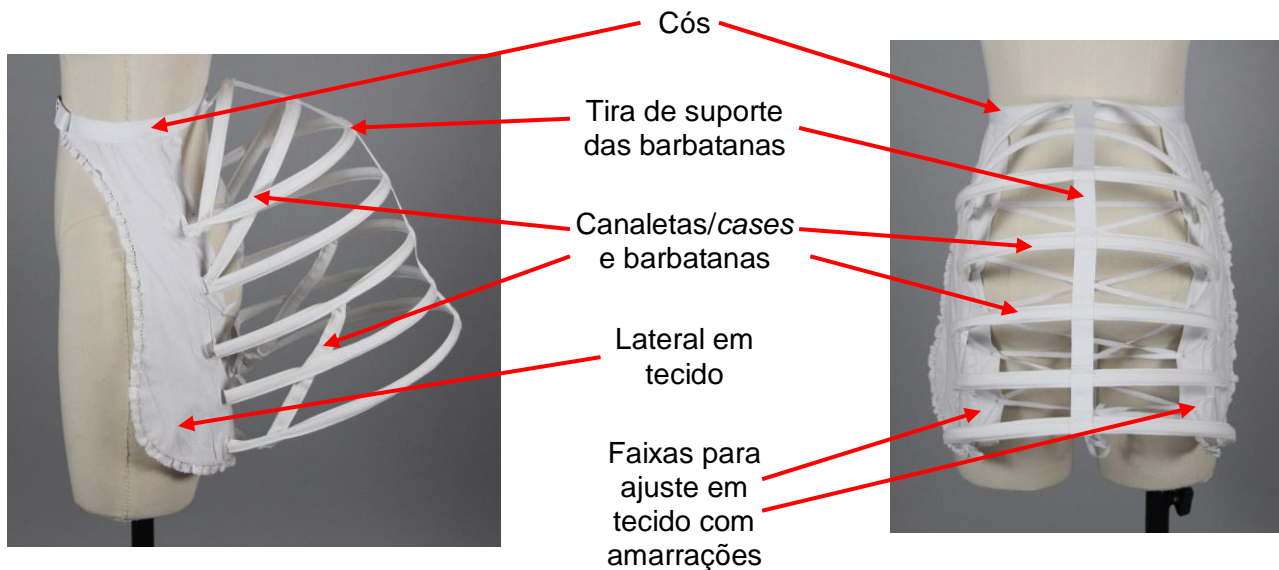
1 – Lateral – cortar 4 vezes no tecido

2 – Faixa de ajuste – cortar 2 vezes no tecido

Esta estrutura é formada, basicamente, pelas barbatanas, colocadas dentro de canaletas ou cases, a parte em tecido auxilia apenas no ajuste da estrutura ao corpo. Assim, as duas partes laterais, que ficam amarradas por um cordão trançado, servem como base para o posicionamento das barbatanas.

Para o protótipo apresentado aqui, foi usado o case já próprio para barbatanas, porém, como já descrito anteriormente, este case pode ser feito com viés. Neste caso, proceder com a confecção do case duplo, já explicado no texto COMO COLOCAR AS BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 27.

As Figuras 99 e 100 apresentam as partes da estrutura de c.1887.



**Figuras 99 e 100** - Partes da estrutura de c.1887 – visões lateral e traseira.  
Fotos: Maria Celina Gil, 2018.

#### INSTRUÇÕES DE CONFECÇÃO:

Iniciar com a preparação das laterais (molde 1), costurando um viés para servir de canaleta para a barbatana 6. Cada lateral é composta por 2 partes em tecido e o viés deve ser colocado por dentro destas partes. A montagem é feita desta forma, para que, depois, se possa prender os cases das outras barbatanas também entre as duas partes da lateral, resultando em melhor acabamento. A Figura 101 mostra a canaleta costurada entre os tecidos da lateral, já com a inserção da barbatana metálica. Esta barbatana tem por objetivo sustentar as outras barbatanas

na curvatura correta e a amarração que ficará na parte traseira do corpo. Ainda não é o momento de fechar esta costura, isto será feito quando as outras partes forem inseridas.



**Figura 101** - Posição da canaleta nas laterais. Fonte: Acervo de Aglair Nigro Mello. Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.

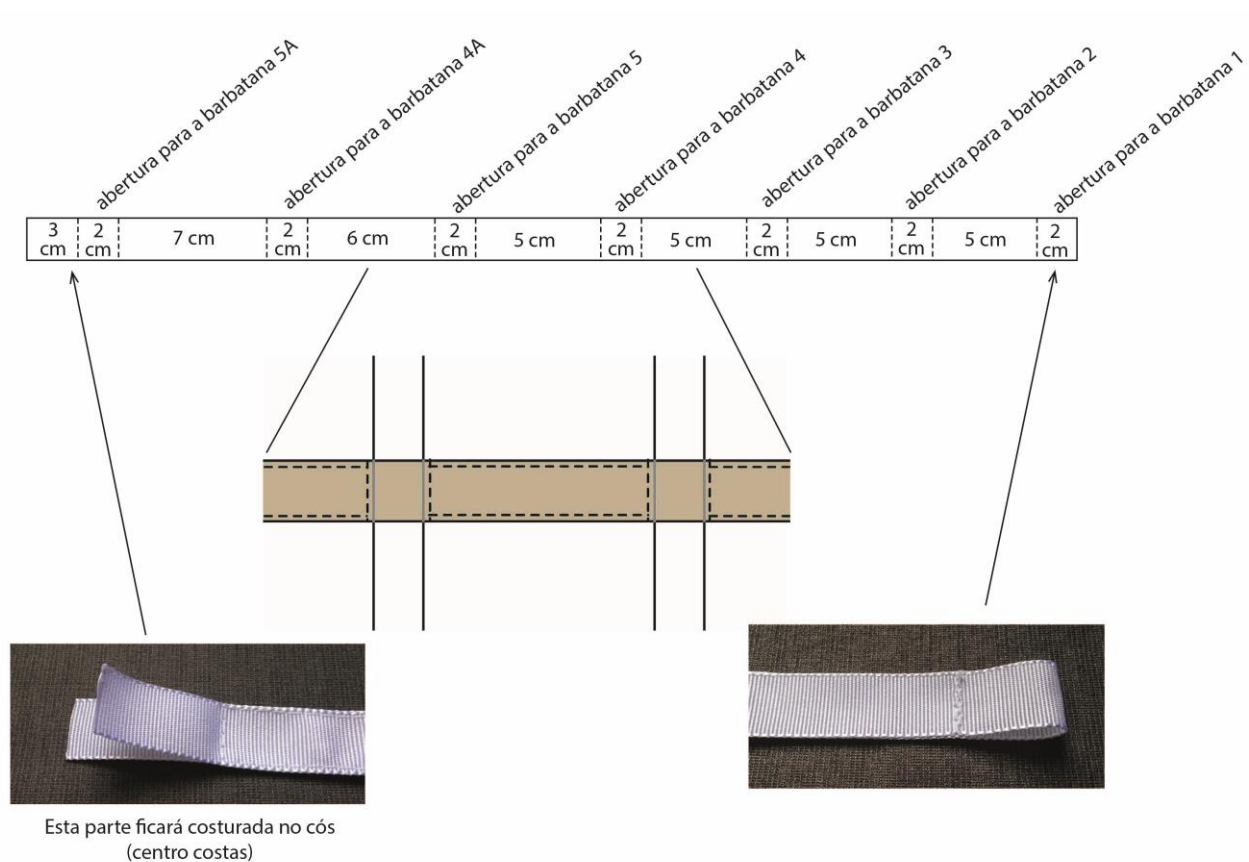
Uma vez costuradas as canaletas, para cada par de laterais, posicionar avesso com avesso e fechar com costura toda a parte curva da lateral, iniciando no ponto C indo até o B, conforme indicado no molde 1. Pode-se usar alguma renda ou outro aviamento para adornar esta parte curva. As outras partes ainda ficarão abertas. Virar para o direito e passar. Pode-se rebater a costura para melhor acabamento.

Preparar as peças chamadas faixa de ajuste (molde 2), dobrando-as ao meio (no sentido longitudinal, conforme indicado no molde), avesso com avesso e costurando na linha B-B1. Virar para o direito e costurar os ilhoses, nas marcações indicadas. As instruções sobre confecção dos ilhoses podem ser encontradas no texto **SOBRE OS ILHOSES**, na página 32.

Preparar a tira de suporte das barbatanas. Esta tira ficará no centro traseiro e ajudará as barbatanas a ficarem em sua posição correta, garantindo o volume da roupa usada. É uma fita de gorgorão de aproximadamente 2,5 ou 3 cm de largura por cerca de 1 m de comprimento. Esta tira será dobrada em dois e costurada nas laterais para se manter firme. Lembrar de deixar sem costurar as passagens das canaletas das barbatanas. A tira de suporte deve receber costuras em locais específicos, de modo que possa suportar as canaletas das barbatanas na estrutura. A tira

deve, portanto, ser dobrada ao meio, como já indicado acima, e receber costuras conforme os diagramas da Figura 102. A dobra ficará na parte de baixo da estrutura (onde será passada a barbatana 1).

Preparar as canaletas ou cases das barbatanas, com exceção da barbatana 6 (que será inserida no viés já costurado na peça lateral). Para esta estrutura, os cases serão do tipo duplo. Pode-se usar viés ou case próprio para barbatanas. Detalhes sobre a confecção dos cases podem ser vistos no texto COMO COLOCAR BARBATANAS NAS ESTRUTURAS, na página 27. Cortar os cases com comprimento maior que as barbatanas, para que o excesso possa ser embutido nas costuras da lateral. Deixar, aproximadamente, 2 cm a mais que a barbatana, em cada ponta.



**Figura 102** - Medidas das costuras na tira de suporte.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017. Fotos: Isabel C. Italiano, 2017.

As medidas das barbatanas usadas para a confecção do protótipo apresentado aqui são mostradas na **tabela de tamanhos das barbatanas**. Verificar no molde a correspondência da numeração das barbatanas.

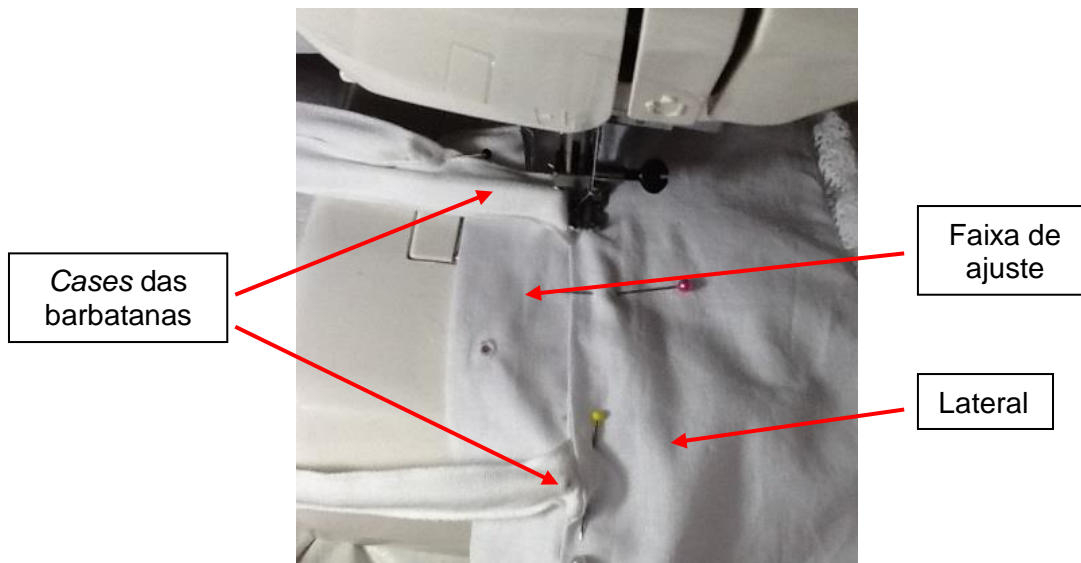


### Tabela de tamanhos das barbatanas da estrutura de c.1887

Barbatana	Medida
1	80 cm
1A	18 cm (2 vezes)
2	72 cm
3	70 cm
4	64 cm
4A	60 cm
5	61 cm
5A	46 cm
6	40,5 cm

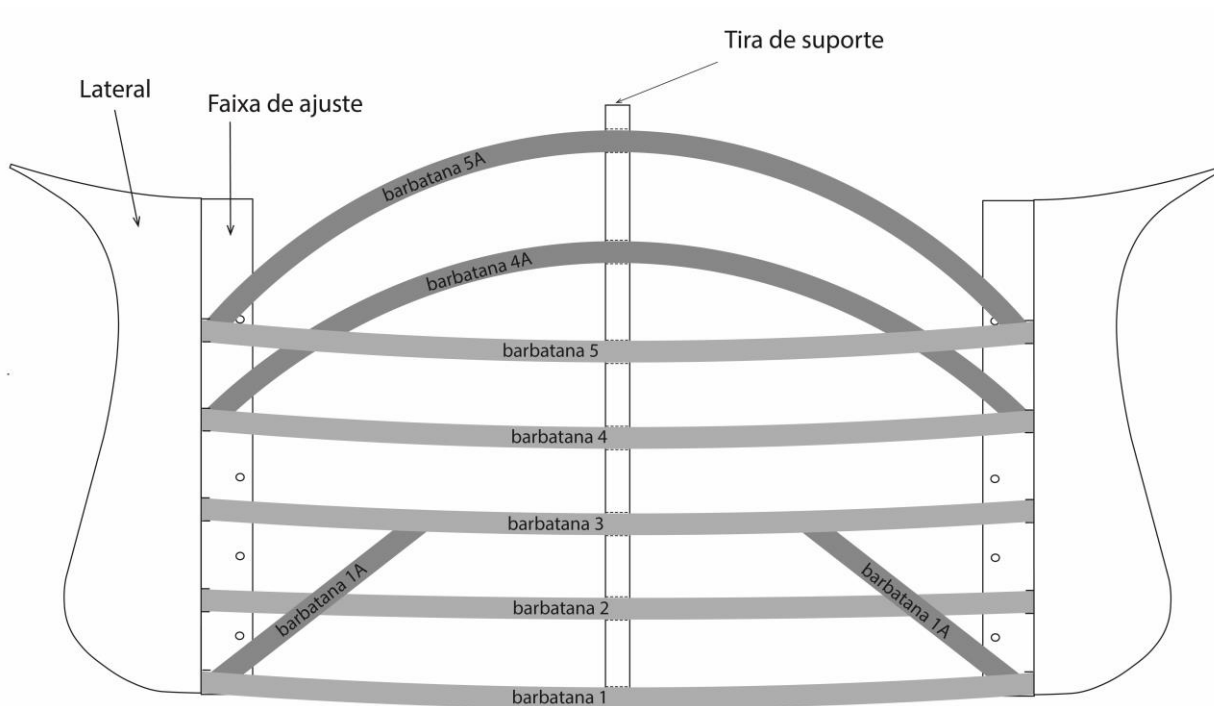
OBSERVAÇÕES: as medidas da tabela são apenas para referência, pois podem variar. Caso a estrutura seja confeccionada em outros tamanhos, adaptar estas medidas.

Prender os *cases* das barbatanas apenas em um dos pares de laterais, embutindo as barbatanas e a faixa de ajuste (a que tem os ilhoses), ficando as barbatanas sobre a faixa de ajuste e ambos entre as duas partes da lateral (Figura 103).



**Figura 103** - Detalhe da costura das barbatanas na lateral e faixa de ajuste.  
Fonte: Acervo de Aglair Nigro Mello. Foto: Aglair Nigro Mello, 2017.

O esquema geral da colocação das barbatanas é mostrado na Figura 104.



**Figura 104** - Esquema de montagem das barbatanas.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

Lembrar que ficarão embutidos na costura com as peças laterais apenas os cases das barbatanas 1, 2, 3, 4 e 5. As barbatanas 1A, 4A e 5A devem ser costuradas conforme o diagrama, diretamente sobre as barbatanas de apoio, ou seja:

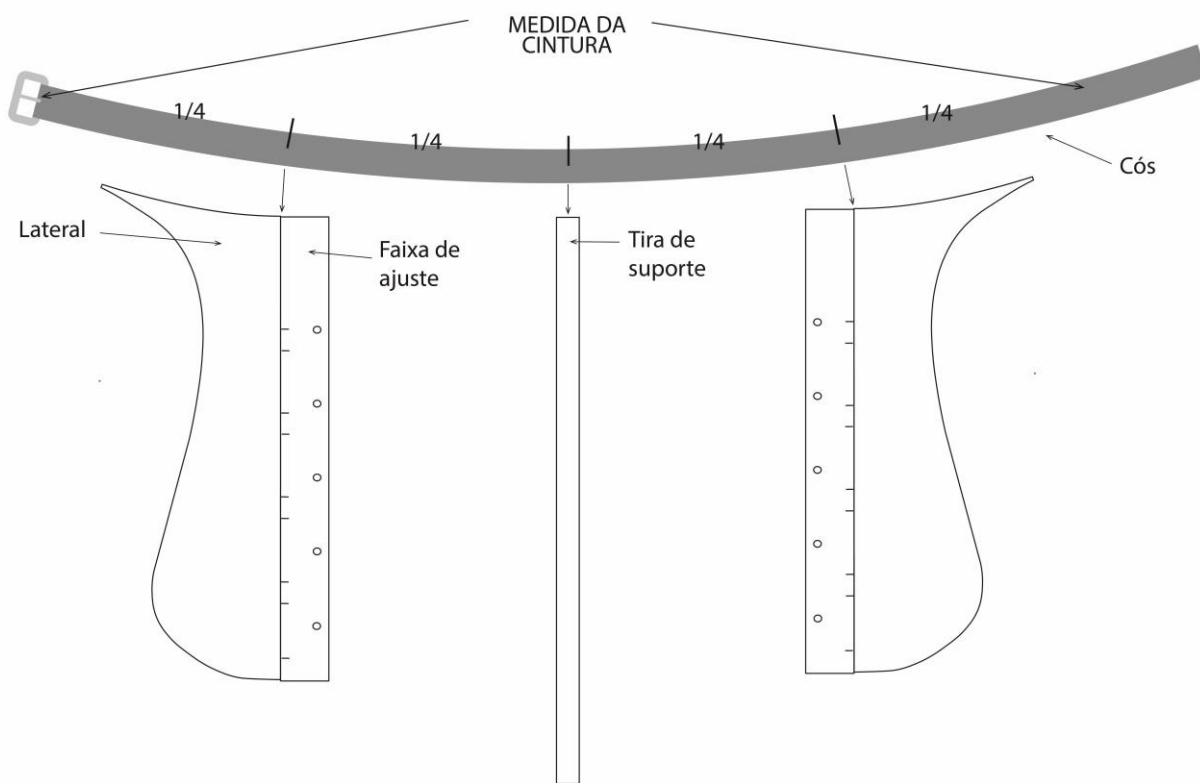
- O case da barbatana 1A deve ser costurado nas barbatanas 1 e 3;
- O case da barbatana 4A deve ser costurado nas pontas da barbatana 4, passando pela tira de suporte;
- O case da barbatana 5A deve ser costurado nas pontas da barbatana 5, passando, também, pela tira de suporte.

Preparar o outro par de laterais com o ajustador entre elas, mas não costurar os cases ainda. Prender apenas 1 cm no alto (só laterais com ajustador no meio) próximo da linha da cintura, o suficiente para costurar depois no cós.

Preparar o cós seguindo as instruções gerais, apresentadas no texto COMO PREPARAR O CÓS DAS ESTRUTURAS, na página 32.

Inserir a barbatana 6 na sua respectiva canaleta.

Dividir o cós em 4 partes iguais a partir da dobra com a fivela (considerar apenas a medida da cintura justa), deixando a sobra no final que está aberto e marcar. O cós deve ser costurado às partes da estrutura, conforme o diagrama da Figura 105. O diagrama não apresenta medidas proporcionais, serve apenas para indicar as posições das peças. Lembrar que os cases das barbatanas já estarão presos em uma das laterais, faltando apenas inserir as barbatanas e prendê-los na outra lateral.



**Figura 105** - Diagrama da montagem das partes.  
Diagrama: Isabel C. Italiano, 2017.

A Figura 106 mostra o cós já costurado à estrutura de c.1887.



**Figura 106** - Cós já costurado à estrutura de c.1887.  
Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

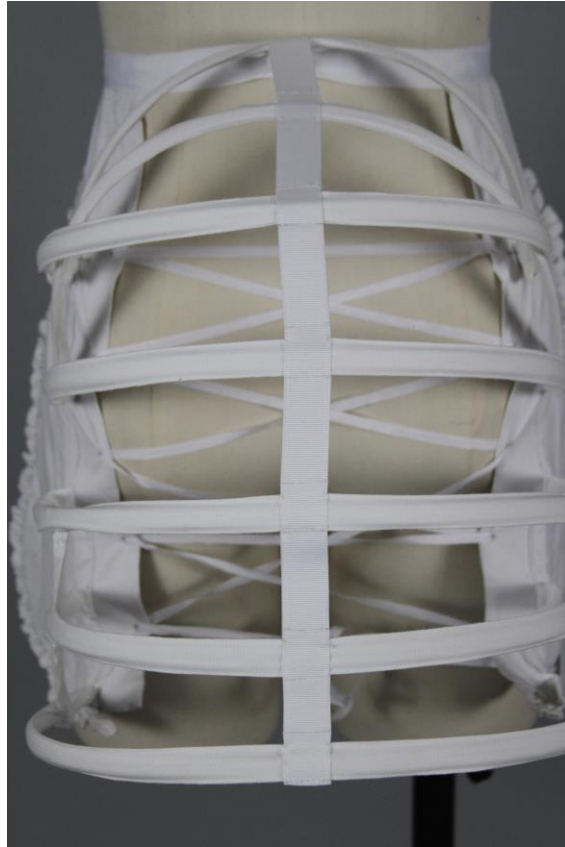
Com estas partes preparadas, deve-se inserir cada barbatana em seu respectivo case. Passar pela tira de suporte, também na abertura correspondente a cada barbatana, posicionando o meio de cada barbatana no suporte. Prender os cases na tira de suporte, com pontos à mão, para mantê-los fixos no lugar (Figura 107).



**Figura 107** - Detalhe da colocação dos cases na tira de suporte.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

Prender cada *case*, já com sua respectiva barbatana inserida, na posição correspondente na outra lateral, da mesma forma que foi feito na primeira (ver Figura 103).

Passar um cordão pelos ilhoses, em forma de trançado, para posterior amarração e ajuste no corpo (Figura 108).



**Figura 108** - Detalhe da amarração das faixas de suporte.  
Foto: Maria Celina Gil, 2018.

## Desenhos de trajes interiores do século XIX



Traje interior masculino, 1800<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Os desenhos foram elaborados por Juliana Matsuda.

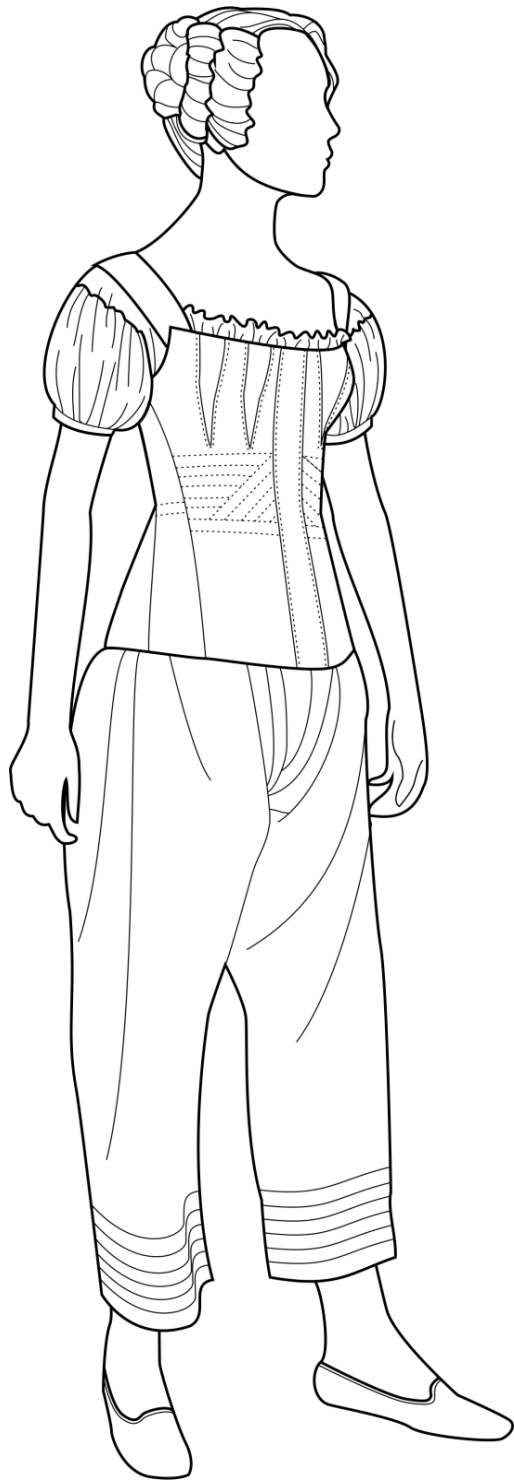


Traje interior feminino, 1800-1820

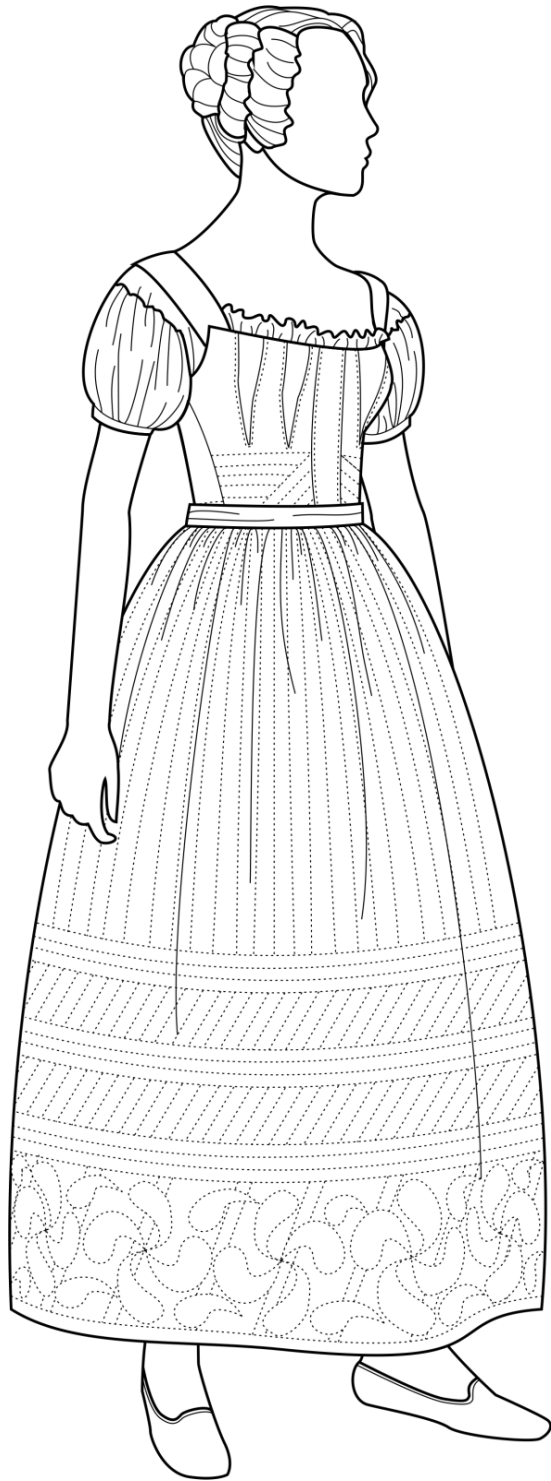


Traje interior masculino, 1820

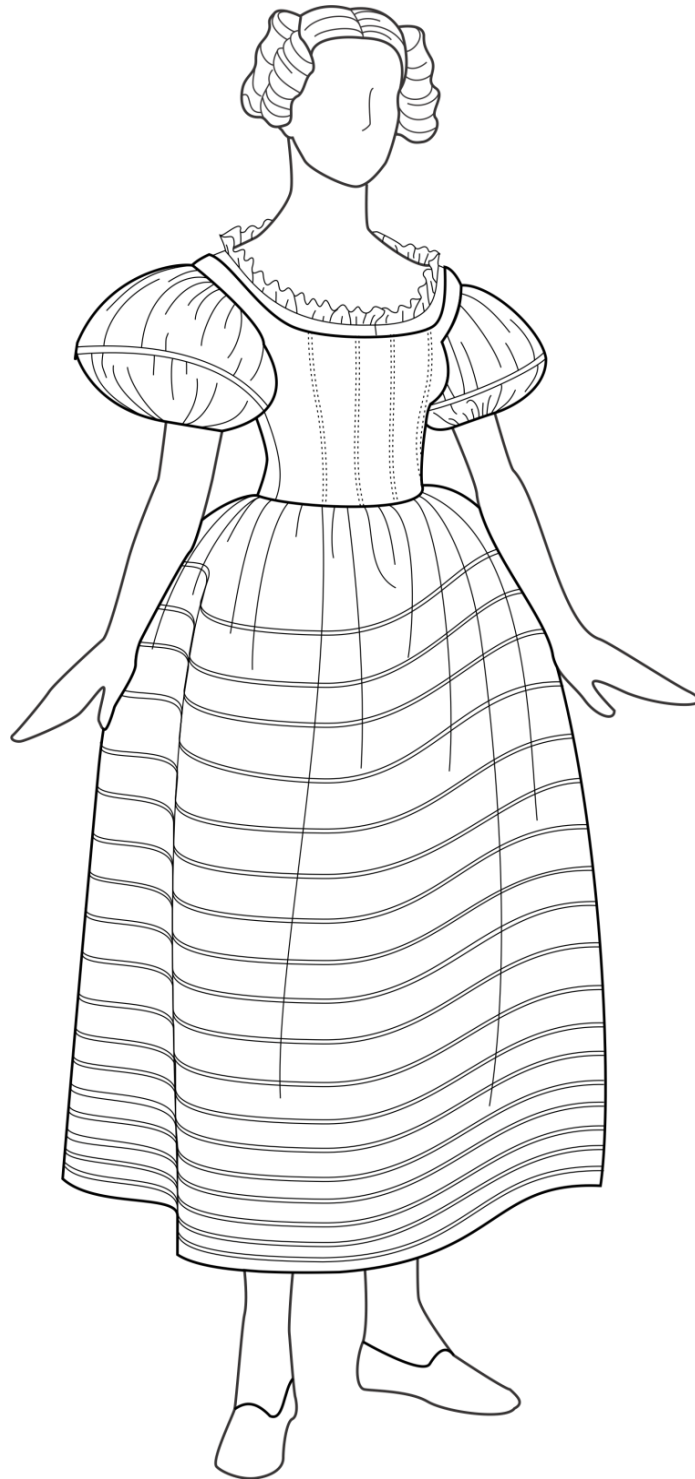




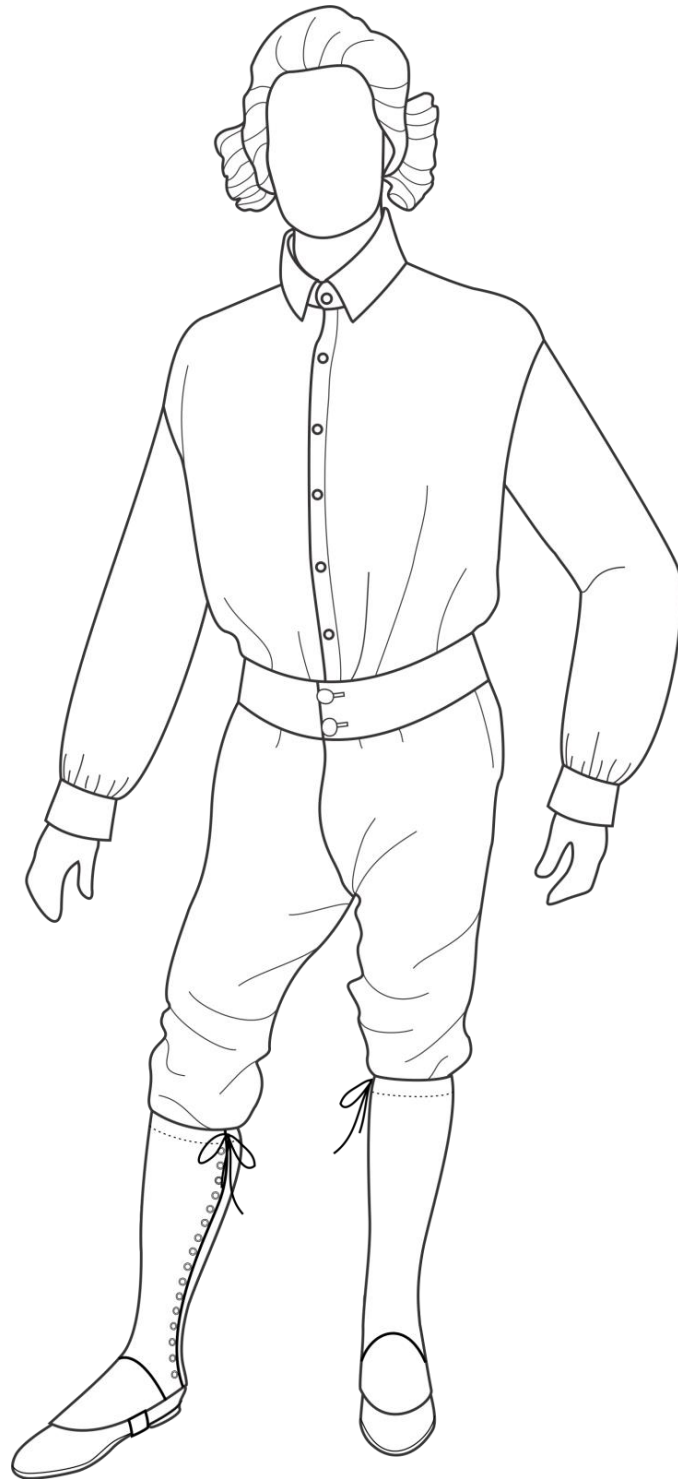
Traje interior feminino, 1820



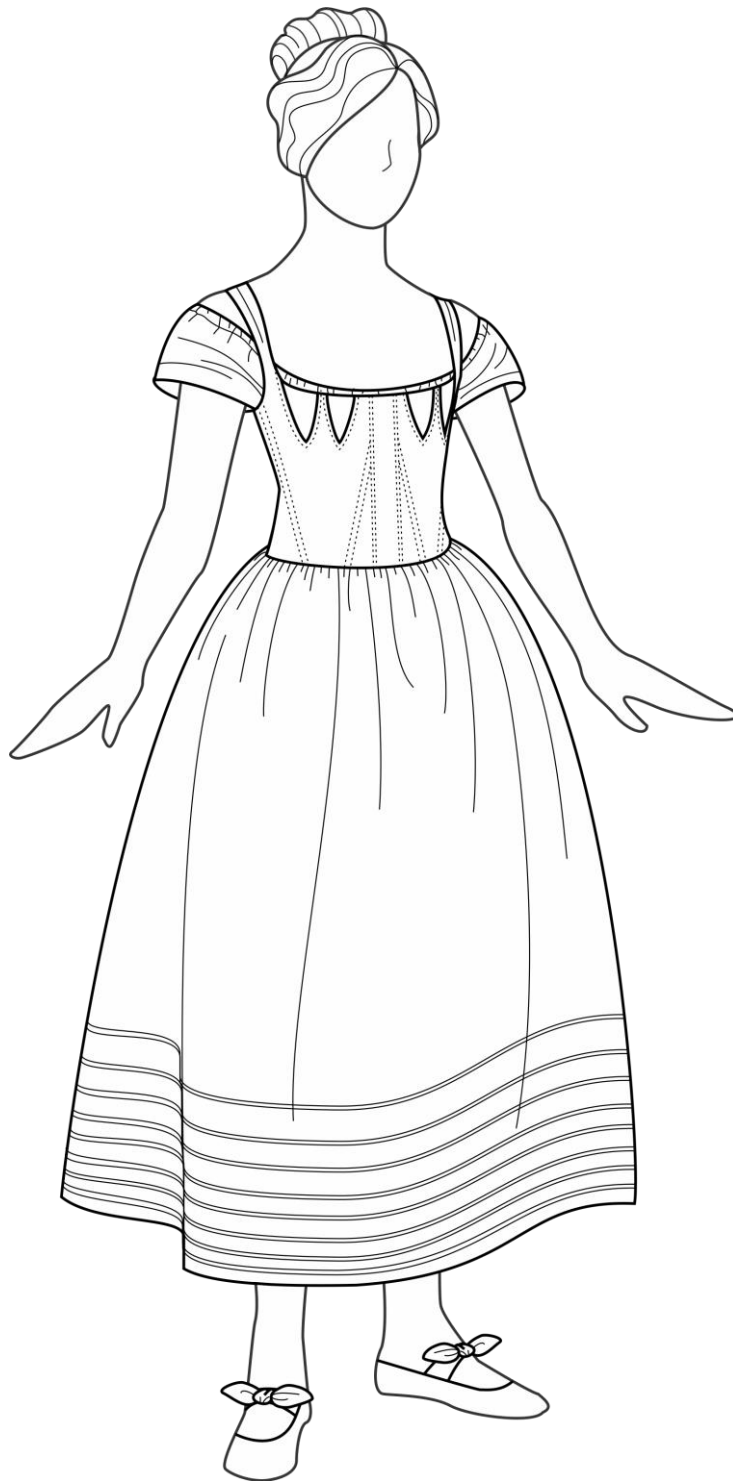
Traje interior feminino, 1820



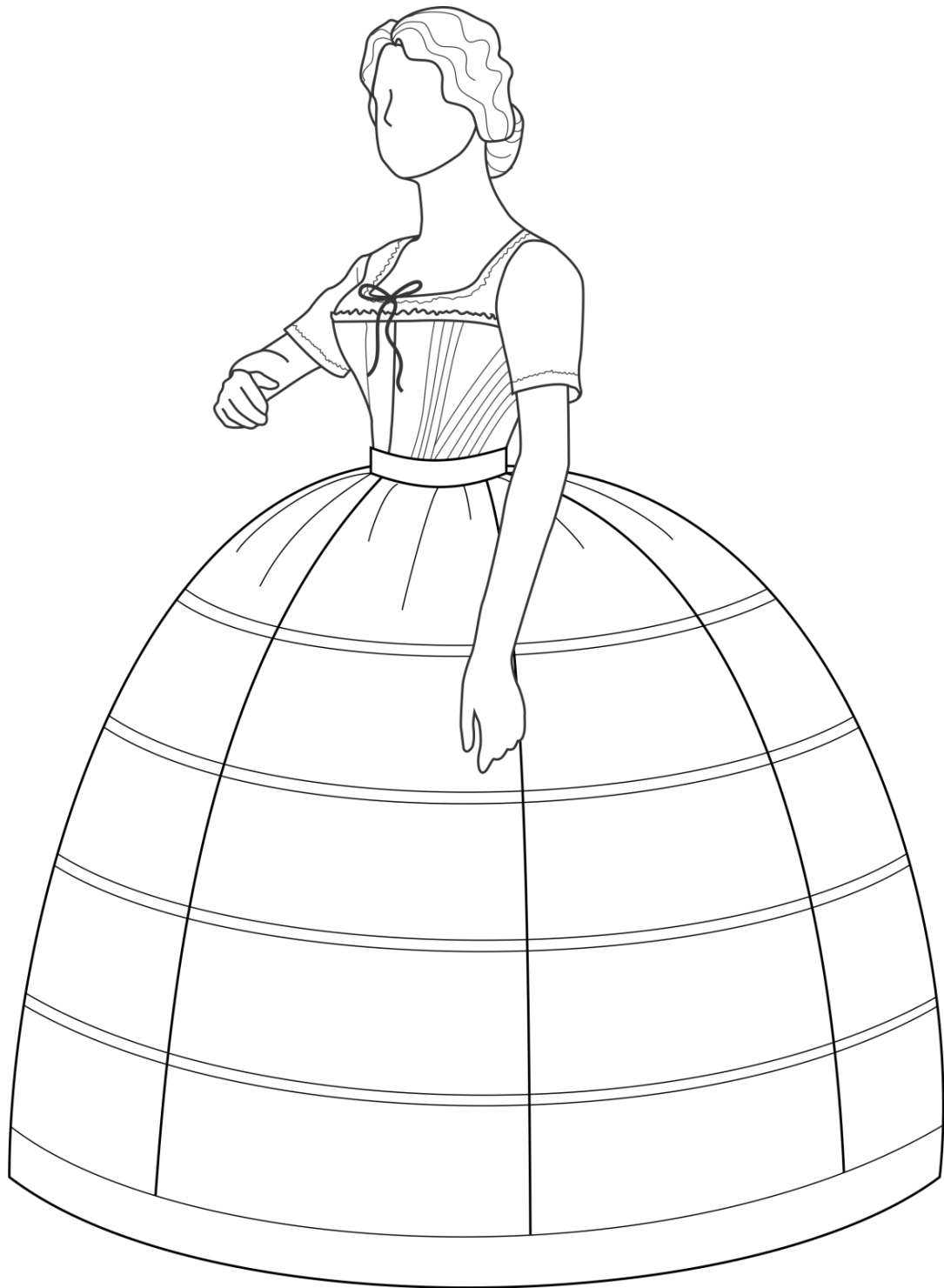
Traje interior feminino, 1830



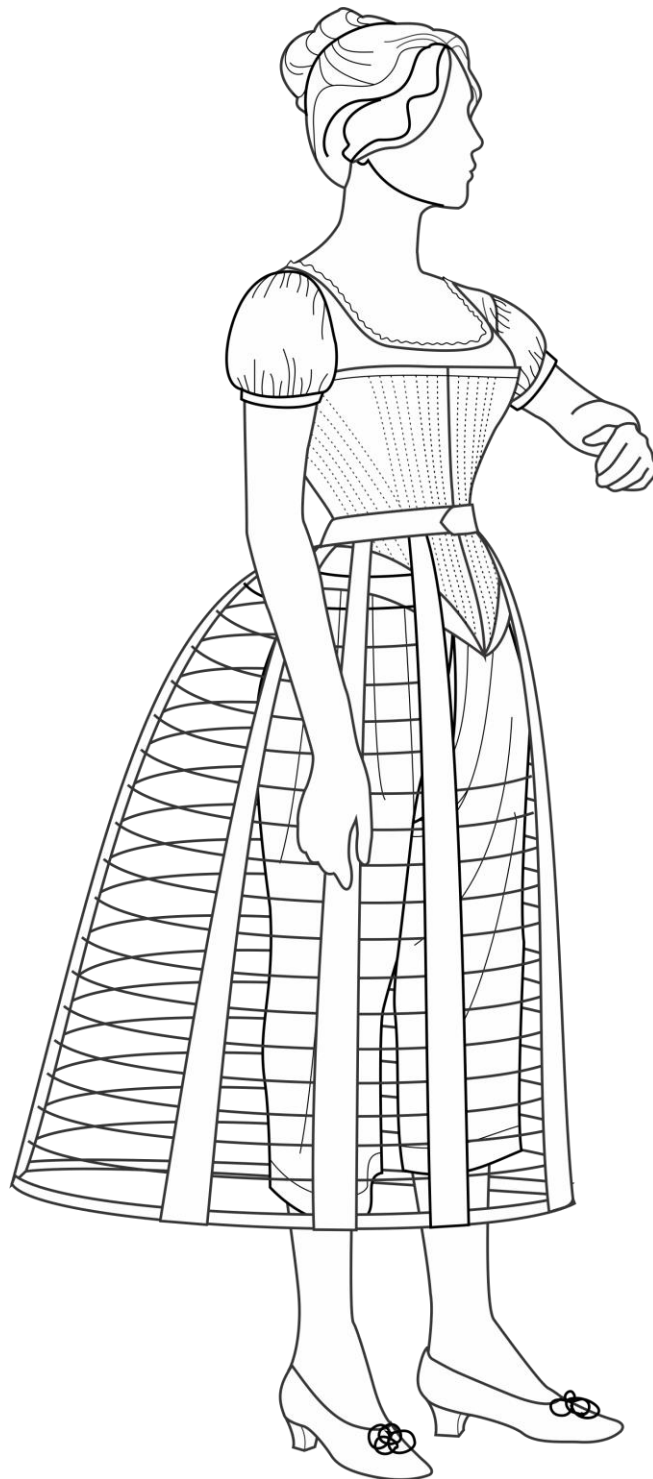
Traje interior masculino, 1830



Traje interior feminino, 1840



Traje interior feminino, 1860



Traje interior feminino, 1870

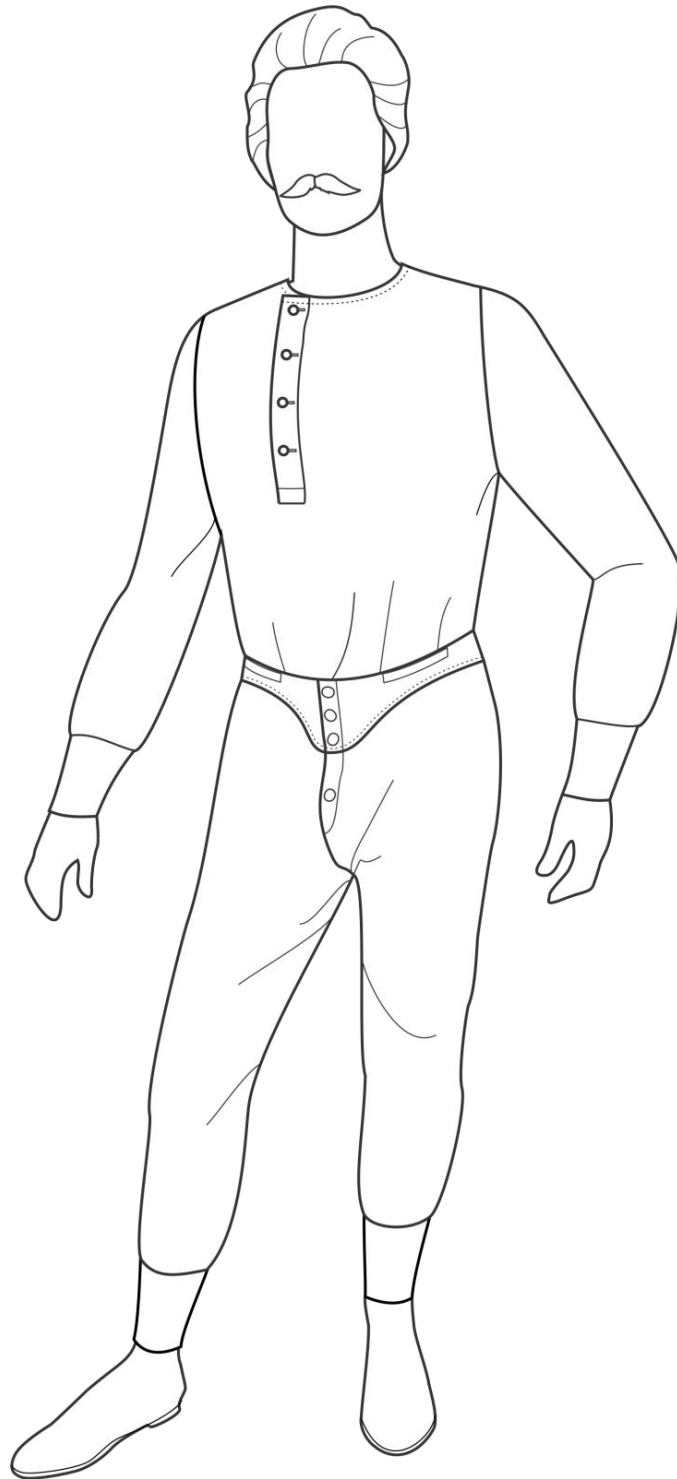


Traje interior feminino 1870

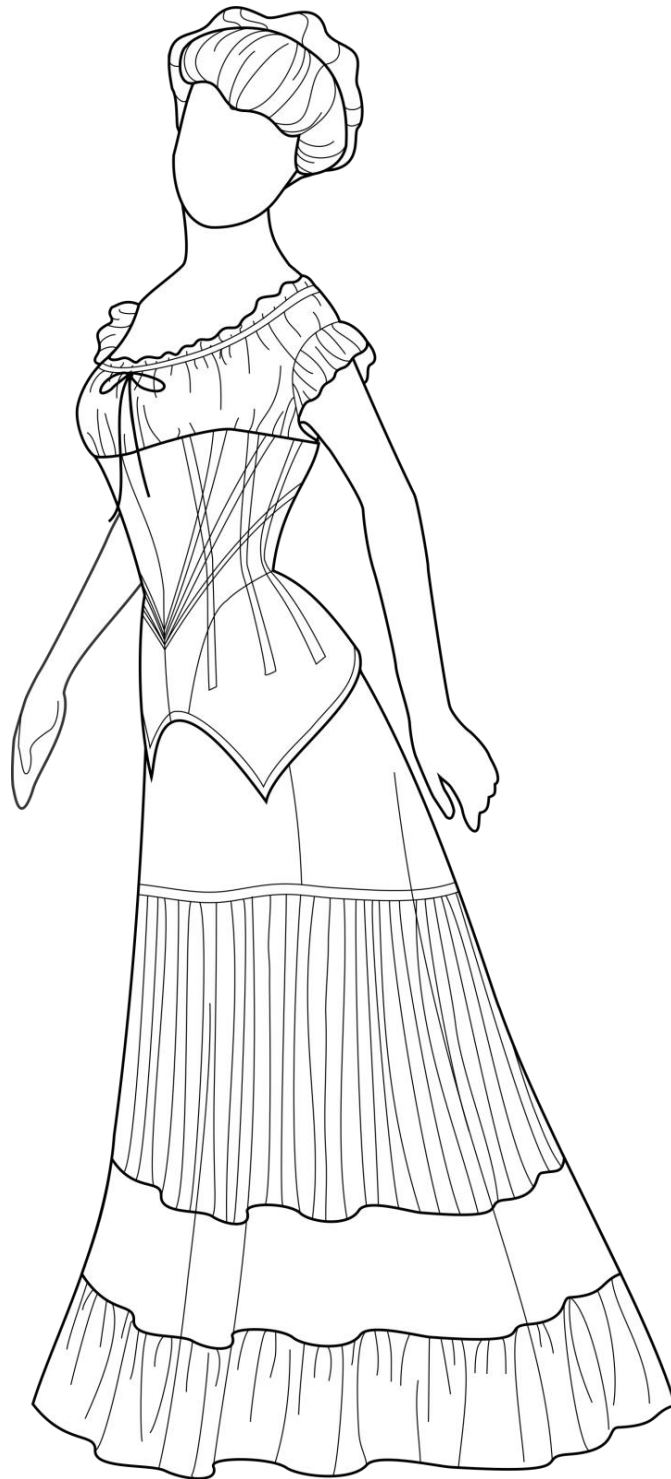




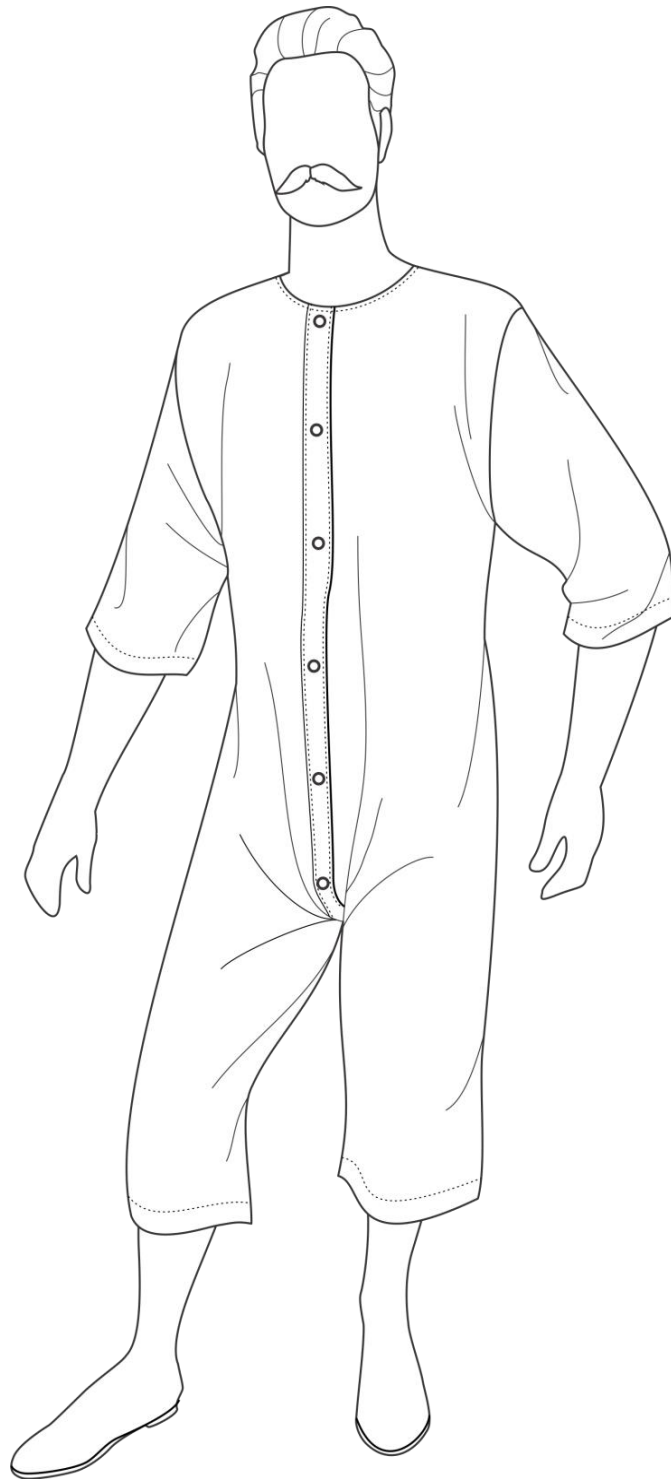
Traje interior feminino, 1890



Traje interior masculino, 1890



Traje interior feminino, 1900



Traje interior masculino, 1900

## REFERÊNCIAS

ARNOLD, Janet. **Patterns of Fashion 1: Englishwomen's dresses and their construction c.1660-1860**. Hollywood: Quite Specific Media Group, 1972.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRADFIELD, Nancy. **Costume in detail: 1730-1930**. Hollywood: Quite Specific Media Group, 2009.

ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto; BASTOS, Desirée; ARAÚJO, Luciano. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

LAUGHING MOON. Victorian Hoops and Bustles 1856-1889 Versions. Laughing Moon Mercantile, 2013. Imagens.

TRULY VICTORIAN. TV141 1860 Round Cage Crinoline. Truly Victorian, 2011. Imagens.

VIANA, Fausto; ITALIANO, Isabel. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/292>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

WAUGH, Norah. **Corsets and crinolines**. Abingdon: theatre Art Books, 1954.

\_\_\_\_\_. **The cut of women's clothes: 1600-1930**. Londres: Faber and Faber, 1968.

## Índice remissivo

Anquinhas, 23, 32

Barbatana, 15, 16, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 66, 69, 70, 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Boberg, 20

Canaleta, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 43, 44, 51, 57, 58, 62, 63, 64, 68, 69, 73, 74, 78, 79, 83

Case, 25, 28, 31, 36, 40, 44, 78, 80, 82, 84, 85

*Corset*, 13

Cós, 26, 32, 33, 39, 42, 51, 52, 65, 66, 73, 82, 83, 84

Crinolina, 11, 12, 14, 19, 20, 23, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 42

*case*, 23

Espartilhos, 11, 14

Eugênia de Montijo, 19

*Farthingale*, 12

França, 12, 13, 19

Gagelin, 20

Imperatriz Eugênia, 19, 20

Josefina de Beauharnais, 19

Maria Antonieta, 12, 13, 19

Napoleão Bonaparte, 19

Napoleão III, 19

Revolução Francesa, 11, 13

Robe

    à la française, 12, 13

    à la polonaise, 12

    de cour, 12, 19

Roupas interiores, 11, 21

Rue de la Paix, 20

Rue de Richelieu, 20

Saiote, 13

Traje

    interior, 3, 7, 9, 10, 11, 14, 16, 21, 22, 23, 86

*Vertugadin*, 12

Vertugado, 12

Victoria and Albert Museum, 13, 14, 15, 16, 21

Viés, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 49, 58, 62, 69, 78, 80

Worth, 20